

NORA ROBERTS

AS JÓIAS DO SOL





Título original: *Jewels of the Sun*
Autor: Nora Roberts
© 2006 by Saída de Emergência

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por
Edições Saída de Emergência
Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº
2775-274 Parede, Portugal
Telefone e Fax: 214 583 770
www.saidadeemergencia.com

Paginação: Edições Saída de Emergência
Tradutor: Paulo G. Silva
Revisão: Rosa Vilaça

Impressão e acabamento: Rolo & Filhos II, S.A.
Depósito legal n.º **xxxxx**
Acabou de imprimir-se em Maio de 2009

ISBN: 978-989-8032-52-2

Para Ruth Ryan Langan

*Vem, vem, criança humana!
Para os bosques e águas cristalinas,
De mãos dadas com uma fada,
Pois o mundo tem mais lágrimas
Do que podes compreender.*

— W.B. YEATS

Prezado Leitor,

As pessoas familiarizadas com os meus livros sabem que a Irlanda é um dos meus lugares predilectos para visitar, na vida real e na ficção. É uma terra de gigantescos penhascos e planícies serenas. Uma terra de mito, magia e lenda. Em Diamantes do Sol, pedi emprestados alguns desses mitos e criei a minha própria lenda.

E tudo poderia ter acontecido.

Gostaria de lhe apresentar os Gallagher de Ardmore: Aidan, Shawn e Darcy, que dirigem o pub dessa linda aldeia à beira do mar, no condado de Waterford. Não muito longe da aldeia existe um chalé, onde se encontra uma americana solitária que foi explorar as suas raízes e o seu coração.

No entanto, ela não está sozinha no chalé, pois uma outra mulher solitária reside ali. Que por acaso é um fantasma. Com a ajuda de um príncipe das fadas que muito amou, embora não com sensatez, Aidan Gallagher, de Ardmore, e Jude Frances Murray, de Chicago, darão o primeiro passo para quebrar um encantamento de cem anos.

Eu gostaria de vos levar à Irlanda e atravessar as portas do Gallagher's Pub, onde o fogo arde baixo e as canecas aguardam.

Tenho uma história para contar.

Nora Roberts

CAPÍTULO UM

Era óbvio, não poderia haver a menor dúvida, que ela perdera o juízo.

E deveria saber, pois era psicóloga.

Todos os sinais se encontravam ali, a pairar e a zumbir em seu redor, há meses. O nervosismo, a facilidade para explodir a qualquer momento, a tendência para o devaneio e o esquecimento. Havia também uma falta de motivação, de energia, de objectivo.

Os pais haviam comentado, à sua maneira suave, como se dissessem: Podes fazer melhor do que isso, Jude. Os colegas passaram a observá-la, discretamente, com uma quieta compaixão ou uma aversão inquieta. Ela começara a detestar o trabalho, a ressentir-se dos alunos, a encontrar uma dúzia de defeitos insignificantes em amigos e na família, em colegas e superiores.

A cada manhã, a simples tarefa de sair da cama e vestir-se para as aulas do dia havia assumido as proporções da escalada de uma montanha. Pior ainda, uma montanha que não lhe provocava o menor interesse ver à distância, muito menos escalar.

Depois havia também o seu comportamento temerário e precipitado. Oh, sim, essa fora a gota de água. Jude Frances Murray, firme como uma rocha, um dos galhos mais vigorosos da árvore genealógica dos Murray de Chicago, sempre sensata,

filha devotada dos Doutores Linda e John K. Murray, deixou o emprego.

Não se tratava da licença prolongada que se concedia aos professores depois de sete anos. Nem de uma licença de poucas semanas para tratar de problemas pessoais. Pura e simplesmente, Jude demitiu-se, a meio do semestre.

Porquê? Ela não tinha a menor ideia.

Foi um choque para ela, tanto quanto para o director, os colegas, os pais.

Reagira dessa maneira dois anos antes, quando o seu casamento se desmoronou? Não, claro que não. Apenas continuara na sua rotina — aulas, estudos, compromissos — sem a menor dificuldade, mesmo enquanto se encontrava com advogados e assinava documentos, a burocracia que simboliza o fim de uma união.

Não que houvesse uma grande união; nem, aliás, grandes disputas para ocupar os advogados. Um casamento que durara pouco menos de oito meses não gerava muitas confusões ou problemas. Nem paixão.

Paixão, ela supunha, fora o que faltara. Se ela sentisse alguma, William não teria deixado o seu apartamento por outra mulher, quase antes de murcharem as flores do seu *bouquet* de noiva.

Mas não fazia sentido continuar a remoer sobre a separação depois de ter já passado tanto tempo. Ela era o que era. Ou fora assim, corrigiu Jude. Só Deus saberia o que ela era agora.

Talvez fosse parte de tudo, reflectiu ela. Escalara algum penhasco, de onde contemplara o vasto mar escuro de mesmice, monotonia e tédio que era Jude Murray. Girara os braços

como um cata-vento, afastara-se do penhasco... e saíra, correndo e gritando.

Uma atitude que nada tinha a ver com ela.

Pensar a respeito disso provocava-lhe palpitações de tal forma violentas, que ela chegava mesmo a especular se não sofreria um enfarte, para cumular tudo.

PROFESSORA UNIVERSITÁRIA AMERICANA ENCONTRADA MORTA EM VOLVO ALUGADO

Seria um estranho obituário. Talvez sáisse no *Irish Times*, o qual a sua avó tanto gostava de ler. Os pais ficariam chocados. Seria o tipo de morte inconveniente, pública, *embaraçosa*. Absolutamente inesperada.

Ficariam também desolados, é claro, mas, acima de tudo, perplexos. Como poderia uma mulher pensar em partir para a Irlanda, quando tinha uma carreira vitoriosa e um adorável apartamento, num prédio à beira do lago?

Culpariam a influência da avó.

E, sem dúvida, estariam certos, como estavam certos desde que ela fora concebida, numa união de absoluto requinte, exactamente um ano depois do casamento.

Embora não se desse ao trabalho de imaginar, Jude tinha a certeza de que o acto sexual dos seus pais era sempre de muito bom gosto e preciso. Assim como os ballets bem coreografados e tradicionais que eles tanto apreciavam.

E o que fazia ela agora, sentada num Volvo alugado, com o raio do volante no lado errado, a pensar na forma como os pais faziam sexo?

Tudo o que lhe restava, naquelas circunstâncias, era

comprimir os dedos contra os olhos, até que a imagem se desvanecesse.

E isso, disse a si mesma, era o tipo de coisa que acontecia quando se enlouquecia.

Jude respirou fundo uma vez, depois outra. Oxigénio para desa-nuviar e acalmar o cérebro. A seu ver, tinha agora duas opções. Poderia tirar as malas do carro, tornar a entrar no aeroporto de Dublin, devolver a chave ao funcionário da agência, o jovem de cabelos vermelhos como uma cenoura e com um sorriso de um quilómetro de largura, e reservar um voo de volta para os Estados Unidos.

É verdade que já não tinha emprego, mas poderia viver muito bem, obrigada, pelo menos por algum tempo, da sua carteira de investimentos. Também já não tinha o apartamento à sua disposição, já que o alugara a um simpático casal, por seis meses. Mas, se quisesse voltar, poderia morar temporariamente com a avó.

E a avó olharia para ela, com aqueles seus lindos olhos de um azul desbotado cheios de desapontamento. *Jude, querida, chegas sempre ao limite do desejo do teu coração. Porque nunca consegues dar o último passo?*

— Não sei, não sei... — Angustiada, Jude cobriu o rosto com as mãos, balançando-o. — A ideia foi sua, não minha. O que farei no Faerie Hill Cottage, o chalé da colina das fadas, pelos próximos seis meses? Nem sequer sei conduzir o raio deste carro!

Ela estava a um passo de um ataque de choro. Sentiu um nó na garganta. Antes que a primeira lágrima pudesse cair, inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos, apertou-os com força e censurou-se. Ataques de choro, explosões de raiva, sar-

casmo e outros comportamentos rudes eram apenas maneiras diferentes de libertar tudo cá para fora. Ela fora formada para compreender, instruída para reconhecer. E não se entregaria àquele ataque de choro.

— Para a fase seguinte, Jude, sua idiota patética. A falares sozinha, a chorares em Volvos, indecisa demais, tão paralisada, que não consegues virar a chave na ignição e seguir em frente.

Suspirou novamente. Endireitou os ombros.

— Segunda opção — murmurou. — Terminas o que começaste.

Jude virou a chave e, fazendo uma pequena oração para não matar nem aleijar ninguém — incluindo ela própria — durante a viagem, deixou o estacionamento.

Ela cantava, em grande parte para não gritar, cada vez que se deparava com um dos círculos na estrada que os irlandeses chamavam alegremente de rotunda. O seu cérebro chiava; era incapaz de reconhecer esquerda e direita, imaginava o Volvo a atropelar meia dúzia de peões inocentes e punha-se a entoar, apavorada, qualquer melodia que lhe aflorasse à mente.

Na estrada para o sul, seguindo de Dublin para o condado de Waterford, ela cantarolou melodias de musicais da Broadway, canções de *pubs* irlandeses e até, ao escapar por um triz de um acidente, na saída da cidade de Carlow, o refrão de “Brown Sugar”, suficientemente alto para estremecer Mick Jagger.

Depois disso, a situação acalmou-se um pouco. Talvez os deuses do viajante tivessem ficado tão chocados com o barulho, que resolveram recuar, deixando de lançar outros carros no seu caminho. Ou talvez fosse a influência dos omnipresen-

tes santuários à Virgem Abençoada que pontilhavam a margem da rodovia. De qualquer forma, a estrada tornou-se mais vazia e tranquila, e Jude começou quase a divertir-se.

Colinas verdes e ondulantes tremeluziam ao Sol, brilhando como o interior de conchas, e estendiam-se à sombra das montanhas escuras, cujo volume se projectava contra um céu pontilhado de nuvens esfumadas. A claridade perlada parecia mais própria de pinturas.

Quadros, pensou ela, enquanto a mente vagueava, reproduzidos com tamanha beleza, que, se uma pessoa os contemplasse por bastante tempo, iria sentir-se absorvida por eles, fundindo-se nas cores e formas, na cena que algum mestre extraíra do seu próprio pensamento.

Era o que ela via, quando ousava desviar os olhos da estrada. Luminosidade, uma beleza incrível, estonteante, que fazia o seu coração estremecer, ao mesmo tempo que o acalmava.

Os campos eram verdes — de um verde indescritível —, cortados por sebes ou pontilhados por fileiras de árvores raquíticas. Vacas malhadas e ovelhas peludas pastavam aqui e ali, enquanto tractores se arrastavam de um lado para o outro. Algumas casas brancas e creme surgiam na paisagem, roupas a esvoaçar nos estendais, flores multicoloridas a desabrochar nos quintais.

E, de repente, de uma forma surpreendente e maravilhosa, Jude deparava-se com as paredes antigas de uma abadia em ruínas, ainda orgulhosa, contra os campos e o Sol ofuscante, como se aguardasse pelo momento de voltar à vida.

O que sentirias, especulou ela, se atravessasses o campo, subisses os degraus lisos e escorregadios que restam no meio

daquelas pedras desalinhas? Poderias sentir os passos que há séculos atravessaram aqueles degraus? Serias capaz de ouvir, se prestasses atenção, como a tua avó alegava, a música e as vozes, o clamor das batalhas, o choro das mulheres, o riso das crianças, há tanto tempo mortas?

Jude não acreditava nessas coisas, é claro. Mas aqui, com aquela luz, com aquele ar, parecia quase possível.

Da grandeza em ruínas à simplicidade encantadora, a terra estendia-se em beleza, oferecia-se ao viajante. Telhados de colmo, cruces de pedra, castelos, depois aldeias com ruas estreitas, placas escritas em gaélico.

Certa altura, ela avistou um velho a andar com o seu cão pela beira da estrada, onde a relva crescia alta e uma pequena placa alertava para pedras soltas. Homens e mulheres usavam chapéus castanhos, que Jude achou absolutamente fascinantes. Manteve a imagem na mente por muito tempo, invejando a liberdade e simplicidade da rotina que eles deveriam ter.

Andariam todos os dias, imaginou ela. Com chuva ou Sol. O velho voltaria para tomar um chá, num chalé pequeno e lindo, com tecto de colmo e um jardim bem cuidado. O cão também teria a sua casota, mas na maioria das vezes poderia ser encontrado junto do dono, enroscado a seus pés, ao lado da lareira.

Jude também tinha vontade de andar por aqueles campos na companhia de um cão devotado. Apenas andar e andar, até ter vontade de se sentar. E ficaria sentada, até ter vontade de se levantar. Era um conceito que a deslumbrava. Fazer o que quisesse, quando quisesse, no seu próprio ritmo, à sua maneira.

Era tudo muito estranho para ela, aquela felicidade simples, quotidiana. O seu maior medo era finalmente encon-

trá-la, roçar-lhe a beira prateada com as pontas dos dedos e, depois, perdê-la.

À medida que a estrada se perdia em curvas, aproximando-se e afastando-se da costa de Waterford, ela tinha vislumbres do mar, uma seda azul no horizonte, verde-cinza, turbulento ao arremeter contra uma praia, curva e larga.

A tensão nos seus ombros começou a desvanecer-se. As mãos relaxaram um pouco no volante. Aquela era a Irlanda de que a sua avó falava, as cores, o drama e a paz. E era, reflectiu Jude, o que ela viera ver; o lugar onde as suas raízes se haviam fincado, antes de serem arrancadas e replantadas no outro lado do Atlântico.

Sentia-se contente agora por não ter desistido no estacionamento e voltado para Chicago. Não conseguira percorrer a maior parte da viagem de três horas e meia sem um único percalço? Só não contara com a tal rotunda em Waterford City, onde teve de dar três voltas, quase batendo num carro cheio de turistas igualmente apavorados.

Mas, no final de contas, todos haviam escapado sem um único arranhão.

Agora estava quase a chegar. As placas para a aldeia de Ardmore indicavam isso. Pelo mapa meticuloso que a avó desenhara, Jude sabia que Ardmore era a aldeia mais próxima do chalé. Seria ali que teria de comprar mantimentos e tudo mais de que precisasse.

Como não poderia deixar de ser, a avó também lhe dera uma impressionante lista de nomes, pessoas que ela deveria procurar, parentes distantes a que se apresentaria. Mas isso poderia esperar, decidiu Jude.

Imagina, pensou ela, não teres de falar com ninguém

por várias dias consecutivos! Não ouvires perguntas, ninguém à espera que saibas as respostas. Não teres de te ocupar com uma conversa superficial nas reuniões de professores. Não teres uma agenda, a qual és obrigada a cumprir.

Depois de um momento de agradável paz, perante essa perspectiva, o seu coração disparou, em pânico. O que, em nome de Deus, iria ela *fazer* durante os próximos seis meses?

Não tinha de ser forçosamente seis meses, lembrou-se a si própria, enquanto o corpo voltava a ficar tenso. Não era uma lei. Não seria presa na alfândega se voltasse depois de seis semanas. Ou seis dias. Ou seis horas, diga-se de passagem.

E, como psicóloga, devia saber que o seu maior problema era estar constantemente a lutar para corresponder às expectativas. Incluindo as suas. Embora admitisse que era muito melhor com a teoria do que com a prática, haveria de mudar isso imediatamente, e por tanto tempo quanto o que permanecesse na Irlanda.

Calma de novo, ligou o rádio do carro. O fluxo de gaélico deixou-a atordoada. Pôs-se a apertar os botões, à procura de alguma coisa em inglês. Virou na curva para Ardmore, em vez de continuar pela estrada para Tower Hill, até ao seu chalé.

No preciso instante em que se apercebeu do erro, o céu nublado abriu-se, como se uma mão gigantesca tivesse passado uma faca para o rasgar. A chuva caiu com toda a força sobre o tecto do carro. Descia como um lençol pelo pára-brisas, enquanto ela tentava descobrir o controlo para os limpa-pára-brisas.

Estacionou junto à berma e esperou enquanto os limpa-pára-brisas empurravam a água de um lado para o outro.

A aldeia ficava numa colina, na extremidade meridional

do condado, beijando o mar da Irlanda e a baía de Ardmore. Ela conseguia ouvir o rumor do mar contra a praia, enquanto a tempestade a envolvia, impetuosa e poderosa. O vento sacudia as janelas do carro, zumbia, ameaçador, pelas pequenas frestas por onde conseguia passar.

Imaginara-se a passear pela aldeia, familiarizando-se com tudo, os lindos chalés, os *pubs* enfumarados e apinhados, andando pela praia da qual a avó falara, os penhascos dramáticos, os campos verdes.

Mas seria uma tarde adorável, ensolarada, as pessoas a empurrar bebês de faces rosadas nos carrinhos, homens de olhos insinuantes a tirar o chapéu à sua passagem.

Não imaginara uma súbita e violenta tempestade de primavera, com rajadas de vento e ruas desertas. *Talvez ninguém more aqui*, pensou ela. Talvez fosse uma espécie de Brigadoon, a aldeia encantada do musical da Broadway, e ela viajara no tempo.

Outro problema, disse a si mesma, era uma imaginação que tinha de ser contida com afluente regularidade.

Claro que havia pessoas a morar ali; elas eram simplesmente sensatas para sair da chuva. Os chalés eram graciosos, alinhados como damas com flores a seus pés. Flores, ela notou, que naquele momento eram severamente castigadas pela chuva.

Não havia motivo para não acreditar que aquela tarde adorável e ensolarada pudesse voltar. Agora sentia-se cansada, com uma pequena dor de cabeça da tensão. Queria apenas entrar num lugar quente e aconchegante.

Afastou-se da berma e avançou devagar, sob a chuva, com medo de perder a entrada certa de novo.

Não se apercebeu que estava a guiar pelo lado errado da estrada até que escapou por pouco de uma colisão de frente.

Ou, para ser mais precisa, quando o outro carro se desviou dela, com uma guinada brusca e a buzinar.

Mas encontrou a curva certa. Pensou em como poderia tê-la perdido, com aquela enorme e redonda torre de pedra, no alto da colina. Projectava-se através da chuva, guardando a antiga catedral de Saint Declan, sem telhado, e todas as sepulturas, marcadas por lápides inclinadas.

Por um momento, Jude teve a impressão de ver um homem ali, todo prateado, com um brilho opaco sob a chuva. Tentando confirmar a impressão, ela quase saiu da estrada. O nervosismo não a fez cantar desta vez. O coração batia com demasiada violência para isso. As mãos tremiam quando diminuiu a velocidade, tentando descobrir onde o homem estaria, o que ele fazia. Mas nada havia, além da enorme torre, as ruínas e os mortos.

Claro que ninguém estivera ali, disse a si mesma. Ninguém pararia num cemitério em plena tempestade. Os seus olhos estavam cansados, pregando-lhe partidas. Apenas precisava de chegar a um lugar quente e seco, para recuperar o fôlego, descansar um pouco.

Quando a estrada se tornou pouco mais do que um trilho lamacento, ladeado por sebes da altura de um homem, Jude considerou-se perdida, sem qualquer esperança. O carro sacudia todo ao passar pelos buracos, enquanto ela procurava um lugar para dar a volta.

Encontraria abrigo na aldeia; certamente alguém se compadeceria de uma americana desmiolada que não era capaz de descobrir o caminho certo.

Alcançou um muro de pedra, baixo e atraente, coberto por uma espécie de arbusto. Teria sido pitoresco em qualquer

outra ocasião. Havia uma abertura no muro que poderia ser uma entrada de carro, mas Jude já havia passado por ela quando compreendeu isso; e estava apavorada demais para tentar voltar atrás e manobrar o carro na lama.

Continuou a subir, e os buracos no caminho tinham-se praticamente transformado em valas. Jude estava com os nervos à flor da pele, os dentes batiam de forma audível, no final de outro tremendo solavanco. Pensou seriamente em parar ali e esperar que alguém aparecesse para rebocar o carro directamente para Dublin.

Soltou um grunhido alto, aliviada, ao avistar outra abertura. Arranjou forma de passar, quase arranhando a pintura. Parou o carro e encostou a testa ao volante.

Estava perdida, faminta, cansada, com uma necessidade desesperada de fazer xixi. Agora teria de sair do carro debaixo daquele aguaceiro e bater à porta de um estranho. Se fosse informada de que o chalé ficava a mais de três minutos de carro, teria de suplicar pelo uso da casa de banho.

Bem, os irlandeses eram famosos pela sua hospitalidade. Por isso, Jude duvidava que a pessoa que lhe abrisse a porta a pudesse rejeitar, o que a obrigaria a aliviar-se na sebe. Apesar de tudo, porém, ela não queria parecer desvairada e frenética.

Inclinou o espelho retrovisor e constatou que os olhos verdes, em geral calmos e serenos, pareciam agora em desatino. A humidade frisara os seus cabelos de tal maneira, que era como se tivesse uma moita castanha na cabeça. A pele exibia uma palidez doentia, resultado da combinação de ansiedade e fadiga. Não tinha energia suficiente para pegar no estojo de maquilhagem e tentar reparar o pior.

Experimentou apenas um sorriso cordial, conseguindo convencer as covinhas a aparecerem nas faces. A boca era um pouco larga demais, pensou Jude, assim como os olhos eram um pouco grandes demais; e a tentativa mostrou-se mais perto de uma careta do que de um sorriso.

Mas era o melhor que podia fazer.

Pegou na bolsa e abriu a porta do carro, para enfrentar a chuva.

E foi nesse instante que se apercebeu de um movimento na janela do segundo andar. Apenas o esvoaçar de uma cortina, que a fez levantar os olhos. A mulher estava vestida de branco, tinha os cabelos claros, muito claros, caindo em ondas exuberantes sobre os ombros e os seios. Através da camada cinzenta de chuva, os seus olhos encontraram-se por um instante. Jude teve uma impressão de enorme beleza e profunda tristeza.

Mas então a mulher desapareceu, e só restou a chuva.

Jude estremeceu. O vento fazia com que se sentisse enregelada até aos ossos. Decidiu sacrificar a dignidade, correndo até ao portão branco, que levava a um pequeno jardim, glorioso com os rios de flores que fluíam nos lados do caminho branco e estreito.

Não havia varanda, apenas um alpendre. Mas o segundo andar do chalé projectava-se para a frente, proporcionando uma protecção acolhedora. Ela pegou na aldraba de bronze, com o formato de um nó céltico, e bateu na porta de madeira áspera, que parecia tão grossa como um tijolo, arqueada de uma maneira encantadora.

Enquanto estremezia e tentava não pensar na bexiga, Jude examinou o que podia, a partir do seu abrigo. Era como uma casa de bonecas, pensou ela. Toda branca e suave, com

remates em verde-escuro, as janelas de muitas vidraças flanqueadas por persianas, que pareciam funcionais, além de decorativas. Um carrilhão de vento, com três colunas de sinos, soava musicalmente.

Ela bateu de novo, desta vez com mais força. Sei que está aí dentro! Deixando de lado as boas maneiras, Jude saiu para a chuva e tentou espiar pela janela da frente.

Depois deu um pulo para trás, com um sentimento de culpa, quando ouviu o *bi-bi* cordial de uma buzina.

Uma carrinha vermelha, um pouco enferrujada, com um motor que ronronava como um gato contente, parou atrás do seu carro. Jude afastou os cabelos molhados do rosto, preparando-se para dar explicações, quando a pessoa saiu.

De início, pensou que fosse um homem baixo e magro, com botas velhas e enlameadas, um casaco sujo e umas calças velhas. Mas o rosto que a fitou, radiante, sob um boné castanho, era incontestavelmente o de uma mulher.

E uma mulher quase deslumbrante.

Os seus olhos eram tão verdes como as colinas molhadas que a cercavam; a pele, luminosa. Jude viu as madeixas de cabelo ruivo a sair por baixo do boné, enquanto a mulher avançava, apressada, conseguindo ser graciosa, apesar das botas.

— Deve ser a Sra. Murray. Um timing perfeito, não foi?

— Acha mesmo? Estou um pouco atrasada hoje, porque o neto da Sra. Duffy, o Tommy, atirou metade dos seus blocos de construção na retrete, mais uma vez, e descarregou o autoclismo. Foi uma confusão e tanto.

— Hum...

Jude não pôde pensar em mais nada para dizer, enquanto especulava acerca da razão por que estava ali parada, à chuva,

na conversa com uma estranha sobre brinquedos atirados para uma retrete.

— Não consegue encontrar a sua chave?

— A minha chave?

— Da porta da frente. Não se preocupe. Tenho a minha. Vamos entrar e sair da chuva.

Parecia uma ideia maravilhosa.

— Obrigada. — Jude acompanhou a mulher até à porta.

— Quem é a senhora?

— Oh, peço-lhe perdão. Sou Brenna O'Toole. — Brenna estendeu a mão, apertou a de Jude, sacudiu-a vigorosamente. — A sua avó não a avisou que eu prepararia o chalé para a sua chegada?

— A minha avó... o chalé? — Jude encolheu-se toda. — O meu chalé? Este é o meu chalé?

— Sim, se for Jude Murray, de Chicago. — Brenna sorriu, gentilmente, embora alteasse a sobancelha esquerda. — Aposto que está mais do que um pouco cansada, depois da longa viagem.

— É verdade. — Jude esfregou o rosto com as mãos, enquanto Brenna abria a porta. — E eu pensei que estava perdida.

— Parece que foi encontrada. *Ceade mile failte.*

Ela deu um passo para o lado, para que Jude pudesse entrar primeiro.

Mil vezes bem-vinda, pensou Jude. Sabia pelo menos isso de gaélico. E parecia mesmo mil vezes quando entrou no ambiente aquecido.

O vestíbulo, quase da mesma largura que o alpendre, tinha uma escada, polida pelo tempo e uso. Uma arcada à direita levava à sala, tão bonita como uma gravura, com as paredes

da cor de biscoitos frescos, os arremates na tonalidade do mel e cortinas de renda levemente amareladas pelo tempo. A impressão era a de que tudo na sala fora descolorido pelo Sol.

Os móveis estavam gastos e desbotados, mas alegres com as riscas azuis e brancas de fofas almofadas. As mesas encontravam-se apinhadas de tesouros, peças em cristal, figuras esculpidas, garrafas em miniatura. Tapetes espalhavam-se, coloridos, sobre um soalho de tábuas largas. A lareira de pedra havia sido preparada com blocos de turfa, pelo que Jude imaginou.

Era a própria imagem da simplicidade, com uma ténue fragrância floral.

— É encantadora, não é? — Jude empurrou os cabelos para trás, enquanto dava uma volta. — Como uma casa de brinquedos.

— A velha Maude gostava de coisas bonitas.

Alguma coisa no seu tom fez com que Jude interrompesse a volta para fitar Brenna.

— Sinto muito. Eu não a conheci. Mas vejo que a senhora gostava dela.

— Claro. Todos gostavam da velha Maude. Era uma verdadeira dama. Ela ficará satisfeita com a sua vinda, para cuidar da casa. Não gostaria que ficasse vazia. Quer que lhe mostre tudo, para que se possa orientar?

— Agradecer-lhe-ia imenso, mas primeiro estou desesperada para ir à casa de banho.

Brenna soltou uma gargalhada.

— É uma longa viagem desde Dublin. Há uma pequena casa de banho ao lado da cozinha. O meu pai e eu construímo-la há apenas três anos, onde havia um armário. Fica ali.

Jude não perdeu tempo com explorações. “Pequena” era

mesmo a palavra exacta para descrever a casa de banho. Ela poderia bater com os cotovelos nas paredes laterais se dobrasse os braços e os levantasse. Mas as paredes eram de um rosa claro, muito bonito, a louça brilhava, lavada recentemente, e havia toalhas de mão bordadas penduradas numa argola.

Uma olhada para o espelho oval, acima do lavatório, indicou a Jude que sim, era verdade, ela estava mesmo com tão má aparência quanto reudara. E embora fosse de estatura e constituição medianas, sentia-se como uma amazona corpulenta e desajeitada ao lado da pequena Brenna.

Irritada consigo mesma por ter feito a comparação, Jude afastou os cabelos da testa e saiu do banheiro.

— Oh, eu teria tratado disso.

A eficiente Brenna já trouxera a sua bagagem para o vestíbulo.

— Deve estar a cair de cansaço, depois de uma viagem tão longa. Eu levo as suas coisas lá para cima. Imagino que queira ficar no quarto da velha Maude. É bastante agradável. Depois, vamos pôr a chaleira ao lume, para que possa tomar um chá, e acenderei a lareira. Está um dia húmido.

Enquanto falava, Brenna subia a escada com as duas enormes malas de Jude, sem fazer o menor esforço, como se estivessem vazias. Jude seguiu-a, com a sua bolsa grande, o computador e a impressora portáteis, desejando ter passado mais tempo no ginásio.

Brenna mostrou os dois quartos. Tinha razão: o quarto da velha Maude, com a sua vista do jardim para a frente, era o mais acolhedor. Mas Jude teve apenas uma vaga impressão, pois bastou olhar para a cama para que sucumbisse ao cansaço da viagem, que deixara o seu corpo pesado como chumbo.

Ela ouviu apenas em metade a voz alegre e harmoniosa a explicar sobre as roupas de cama, aquecimento, os caprichos da pequena lareira no quarto. Enquanto falava, Brenna acendia a turfa. Quando ela desceu, Jude foi atrás, como se estivesse a andar na água. Brenna serviu o chá e mostrou como a cozinha funcionava.

Jude soube, vagamente, que a despensa fora recentemente abastecida, que poderia fazer as suas compras no Duffy's, na aldeia, quando precisasse de mantimentos. Havia mais: pilhas de blocos de turfa ao lado da porta nas traseiras, como a velha Maude preferia, embora houvesse também lenha, caso fosse essa a preferência da nova moradora; soube como o telefone fora reinstalado e como acender o fogão.

— Ah, vá, está a dormir de pé! — Com uma expressão compreensiva, Brenna pôs uma caneca azul nas mãos de Jude. — Leve isso para o quarto e trate de se deitar. Acenderei o fogo aqui em baixo.

— Desculpe. Não consigo concentrar-me em nada.

— Vai sentir-se melhor depois de dormir um pouco. O meu número está ao lado do telefone, caso precise de alguma coisa. A minha família mora a apenas um quilómetro daqui. A minha mãe, o meu pai e as minhas quatro irmãs. Se precisar de alguma coisa, basta telefonar ou ir à casa dos O'Toole.

— Obrigada, eu... Quatro irmãs?

Brenna riu de novo, enquanto levava Jude de volta ao vestíbulo.

— O meu pai bem queria um rapaz, mas acabou cercado por mulheres. Até temos uma cadela. Vá, suba lá.

— Muito obrigada. E peço que me desculpe. Não costumo ser tão... vaga.

— Também não é todos os dias que se cruza o oceano pelo ar, não é mesmo assim? Quer alguma coisa antes que eu vá embora?

— Não, obrigada... — Jude encostou-se ao corrimão. Piscou os olhos algumas vezes. — Ah, quase me esquecia. Estava uma mulher na casa. Para onde foi ela?

— Uma mulher? Onde?

— À janela. — Jude balançou, quase derramando o chá. Sacudiu a cabeça para a desanuviar. — Estava uma mulher à janela, lá em cima, a olhar para fora quando cheguei.

— Como era ela?

— Loura, jovem, muito bonita.

— Deve ser a *Lady Gwen*. — Brenna foi para a sala e acendeu a pilha de turfa. — Ela não se mostra a toda a gente.

— Para onde foi ela?

— Ainda está aqui, imagino. — Satisfeita porque o fogo pegara na turfa, Brenna levantou-se. Limpou a poeira das calças. — Ela está aqui há trezentos anos, mais coisa menos coisa. É o seu fantasma, Sra. Murray.

— O meu quê?

— O seu fantasma. Mas não se preocupe com ela. Não lhe irá fazer mal algum. É uma história triste, mas que vai ficar para uma outra ocasião, quando não estiver tão cansada.

Era difícil concentrar-se. A mente de Jude queria desligar-se, o corpo queria parar, mas parecia importante esclarecer aquele ponto.

— Está a dizer-me que a casa está assombrada?

— Exactamente. A sua avó não lhe contou?

— Não creio que ela tenha feito qualquer comentário a respeito disso. Acredita em fantasmas?

Brenna alteou uma sobrancelha.

— Viu-a, não foi? — Quando Jude franziu o rosto, ela acrescentou: — Vá, durma uma sesta. Quando acordar, vá até ao Gallagher's Pub, se estiver com disposição, e eu pagar-lhe-ei a sua primeira caneca de cerveja irlandesa.

Atordoada demais, Jude balançou a cabeça.

— Não bebo cerveja.

— É uma pena. — Disse Brenna, parecendo ao mesmo tempo chocada e sincera. — Bem, um bom dia para si, Sra. Murray.

— Jude...

O olhar de Jude era fixo.

— Está bem, Jude.

Brenna mostrou de novo o seu sorriso cativante e saiu para a chuva.

Uma casa assombrada, pensou Jude, enquanto subia a escada com a sensação de que a cabeça girava lentamente, vários centímetros acima dos ombros. Os absurdos da fantasia irlandesa. A sua avó, é verdade, sempre contara histórias de fadas. Mas eram apenas isso, histórias.

Mas ela tinha visto alguém... não tinha?

Não. A chuva, as cortinas, as sombras... Jude largou a caneca com o chá que ainda não provara. Conseguiu tirar os sapatos. Fantasmas não existiam. Havia apenas um lindo chalé, no alto de uma colina encantadora. E a chuva.

Ela caiu na cama, com o rosto virado para baixo. Pensou em puxar a colcha para se cobrir, mas mergulhou no sono antes disso.

E, quando sonhou, foi com uma batalha travada numa colina verde, onde os raios do sol brilhavam nas espadas, que pareciam jóias. Sonhou também com fadas a dançar na floresta, o luar a iluminar as folhas, como se fossem lágrimas. E sonhou ainda com um profundo mar azul, que batia como um coração contra a praia que o aguardava.

E, ao longo de todos os sonhos, a única coisa constante era o som do choro contido de uma mulher.

CAPÍTULO DOIS

Já estava escuro quando Jude acordou. O fogo na turfa havia-se reduzido a brasas, que cintilavam como pequenos rubis. Ela contemplou-as, os olhos ainda turvos do sono, o coração aos pulos na garganta como um cervo numa planície, enquanto confundia as brasas com olhos a observarem-na.

Mas não demorou muito até que a sua memória voltasse a prevalecer, até que a mente se desanuviasse. Estava na Irlanda, no chalé em que a sua avó vivera durante a infância. E começava a congelar.

Sentou-se na cama, esfregando os braços gelados. Tacteu para acender o candeeiro na mesinha de cabeceira. Um olhar para o relógio fê-la piscar os olhos, depois estremecer. Era quase meia-noite. A sesta de recuperação durara quase doze horas.

E, Jude descobriu, não só sentia frio, como também uma tremenda fome.

Ficou a olhar para as brasas por um momento, perplexa. Como o fogo praticamente se apagara, e não tinha a menor ideia de como reacendê-lo, resolveu deixá-lo assim. Desceu para a cozinha em busca de comida.

A casa rangia e gemia em seu redor... sons normais, disse ela a si mesma, embora a deixassem sobressaltada, olhando para trás a cada instante. Não que estivesse a pensar a esse respeito nem sequer a considerar o fantasma a que Brenna se referira. Apenas não estava muito acostumada aos sons nor-

mais de uma casa. No seu apartamento, o soalho não rangia e o único brilho vermelho que podia ver era a luz acesa do sistema de alarme.

Mas acabaria por se acostumar ao novo ambiente.

E logo descobriu que Brenna não exagerara. A cozinha estava mesmo bem abastecida, com comida na pequena arca e na despensa pequena. Poderia sentir frio, reflectiu Jude, mas fome certamente não passaria.

O seu primeiro pensamento foi o de abrir uma lata de sopa e esquentá-la no microondas. Com a lata na mão, olhou em redor da cozinha e fez uma descoberta chocante.

Não havia microondas.

É mesmo um problema e tanto, pensou Jude. Ela teria de usar uma panela e o fogão, concluiu. E foi então que surgiu o dilema seguinte, ao descobrir que não havia um abre-latas automático.

A velha Maude não só vivera num outro país, concluiu Jude, enquanto vasculhava as gavetas, mas também num outro século.

Jude conseguiu usar o abre-latas manual que encontrou. Despejou a sopa numa panela que pôs no fogão. Depois de escolher uma maçã na taça em cima da mesa de cozinha, foi até à porta das traseiras. Abriu-a para se deparar com uma neblina, suave como seda e húmida como a chuva.

Não dava para ver nada, a não ser o próprio ar, as camadas de um cinza-claro, mudando de posição a cada instante na noite escura. Não havia formas, não havia nenhuma claridade, apenas os contornos instáveis da neblina. Estremecendo, ela deu um passo para fora. Foi envolvida no mesmo instante.

O sentimento de solidão foi imediato e total, mais pro-

fundo do que qualquer outro que já conhecera. Mas não era assustador ou triste, constatou ela, enquanto estendia um braço e observava a neblina a absorver a sua mão, até ao pulso. Era estranhamente libertador.

Ela não conhecia ninguém. Ninguém a conhecia. Nada se esperava dela, excepto o que pedisse a si mesma. Por aquela noite, uma noite maravilhosa, estava absolutamente sozinha.

Ouvia uma espécie de pulsação na noite, um som baixo, como um tambor. Seria o mar? Ou era apenas a neblina a respirar? E no momento em que começava a rir-se de si mesma, ouviu outro som, também suave, uma música insinuante.

Gaitas e sinos, flautas e assobios? Encantada, Jude quase deixou o alpendre traseiro, quase seguiu a magia do som pelo nevoeiro adentro, como uma sonâmbula.

Eram sinos de vento, compreendeu ela, rindo de novo, apenas um pouco nervosa. Como o carrilhão na frente do chalé. E deveria estar ainda meio adormecida, se considerava a possibilidade de sair a meio da noite e vaguear pelo nevoeiro, acompanhando o som da música.

Obrigou-se a voltar para dentro do chalé. Fechou a porta. E foi então que ouviu o chiar da sopa a ferver e a derramar na panela.

— Bolas! — Jude correu até ao fogão e apagou o fogo. — O que se passa comigo? Uma menina de doze anos é capaz de esquentar o raio de uma lata de sopa sem derramar!

Limpou a sujeira, queimando nesse processo a ponta de dois dedos. Comeu a sopa, de pé, na cozinha, enquanto dava um sermão a si própria.

Já estava na hora de parar com as trapalhices, de se controlar, de se pôr na linha. Era uma pessoa responsável, uma

mulher de confiança, não alguém que se lançava, a sonhar, pela neblina, à meia-noite. Comia a sopa através de movimentos mecânicos, como se cumprisse um dever, sem experimentar o prazer tolo que um lanche à meia-noite proporcionava.

Era tempo de encarar o motivo por que viera para a Irlanda, em primeiro lugar. Era tempo de parar de fingir que se tratava de férias prolongadas, durante as quais exploraria as suas raízes e trabalharia em textos que consolidariam o lado editorial da sua não muito estelar carreira universitária.

Viera porque sentira um medo mortal de estar à beira de algum colapso. O *stress* tornara-se no seu companheiro constante, convidando-a na maior alegria para desfrutar de uma enxaqueca ou a namoriscar com uma úlcera.

Chegara ao ponto em que não era capaz de enfrentar a rotina diária do seu trabalho, em que negligenciava os alunos, a família. E a si própria.

Mais do que isso e ainda pior, Jude admitia, era o facto de ter começado a detestar os alunos, a família. E a si própria.

Qualquer que fosse a razão, — e ela ainda não estava preparada para explorar essa área — a única solução fora uma mudança radical. Um descanso. Sucumbir não era uma opção. E sucumbir em público era inadmissível.

Jude não se humilharia nem o faria à sua família, que nada fizera para tal merecer. Por isso, ela fugiu... Talvez um acto de cobardia, mas tinha sido, por mais estranho que parecesse, o único passo lógico em que fora capaz de pensar.

Quando a velha Maude morrera, graciosamente, na idade avançada de cento e um anos, uma porta abriu-se.

Fora uma iniciativa inteligente passar por essa porta. Uma atitude responsável. Precisava de tempo sozinha, tempo

para se manter quieta, tempo para reavaliar. E seria exactamente isso o que teria.

Tencionava também trabalhar. Não teria sido capaz de justificar a viagem e o tempo, se não tivesse uma espécie de plano. Queria escrever um ensaio em que combinasse as raízes da família com a sua profissão. Se nada mais conseguisse, documentar as lendas e mitos locais, com uma análise psicológica do seu significado e propósito, manteria a sua mente activa, com menos tempo para se apoquentar.

Passara tempo demais a remoer-se. Uma característica irlandesa, alegava a sua mãe. O pensamento fez com que Jude suspirasse. Os irlandeses gostavam mesmo de remoer. Portanto, ela precisava de se entregar a isso de vez em quando, e escolhera o melhor lugar do mundo para o fazer.

Já sentindo-se melhor, Jude virou-se para colocar a tigela vazia na máquina de lavar a loiça... e descobriu que não havia nenhuma.

E foi a rir-se que ela subiu para o quarto.

Desfez as malas, meticulosamente. Guardou tudo num armário adorável, que não parava de ranger, e numa maravilhosa cómoda antiga, com as gavetas um pouco emperradas. Arrumou os artigos de higiene pessoal. Admirou o velho lavatório. Permitiu-se um longo banho de chuveiro, na banheira de pés de garras, com uma cortina fina de plástico pendurada por ganchos de latão embaçados.

Vestiu um pijama de flanela e um roupão, antes que os dentes começassem a bater. Depois, abaixou-se para acender os blocos de turfa na lareira. Surpreendida com o sucesso, passou vinte minutos sentada no chão, os braços em torno dos

joelhos, sorrindo para o fogo encantador e imaginando-se a satisfeita mulher de um lavrador, à espera que o seu homem voltasse dos campos.

Ao sair do devaneio, foi explorar o segundo quarto, considerando o seu potencial como escritório.

Era um quarto pequeno com janelas estreitas que davam para a frente e o lado do chalé. Depois de alguma deliberação, Jude concluiu que o melhor seria ficar virada para o sul, a fim de poder contemplar o campanário da igreja e os telhados da aldeia, assim como a praia larga que descia para o mar.

Pelo menos ela presumiu que seria essa a vista, assim que o dia clareasse e a neblina se dissipasse.

A dificuldade encontrada foi como se instalar, já que não havia uma mesa no pequeno quarto. Jude passou a hora seguinte a procurar a mesa apropriada. Carregou-a da sala para o quarto. Centralizou-a diante da janela. Só depois é que instalou o seu equipamento.

Ocorreu-lhe que poderia escrever na mesa da cozinha, sob o calor de um fogo aconchegante, ouvindo a melodia dos sinos de vento. Mas parecia informal demais, uma disposição desorganizada.

Encontrou o adaptador certo para a tomada, ligou o computador portátil, e abriu o arquivo que tencionava manter como um diário da sua vida na Irlanda.

3 de Abril, Faerie Hill Cottage, Irlanda
Sobrevivi à viagem.

Fez uma pausa. Soltou uma gargalhada. Parecia que passara por uma guerra. Começou a apagar, para começar de

novo. Mas conteve-se. Nada disso. O diário seria apenas para ela. Escreveria o que surgisse na sua mente. E como surgisse.

A viagem de Dublin até aqui foi longa e mais difícil do que eu imaginava. Não posso deixar de especular acerca de quanto tempo precisarei para me acostumar a conduzir pela esquerda. Duvido que algum dia o consiga. Apesar de tudo, porém, a paisagem era maravilhosa. As fotos que eu vi até hoje estão muito longe de fazer justiça aos campos irlandeses. Dizer que são verdes não é suficiente. De um verde viçoso e exuberante também não chega a ser certo. O melhor que posso fazer é dizer que se trata de um verde que parece tremeluzir.

As aldeias são encantadoras, limpas e arrumadas de uma maneira tão inacreditável, que não pude deixar de pensar em legiões de elfos a esgueirarem-se todas as noites para lavar as calçadas e polir os prédios. Vi um pouco da aldeia de Ardmore, mas chovia fortemente quando cheguei. Além disso, sentia-me cansada demais para formar impressões reais e apenas registei o esmero habitual e o encanto da praia larga. Encontrei o chalé por mero acaso. A avó diria que foi o destino, é claro, mas na verdade foi apenas um golpe de sorte. É mesmo lindo, no alto de uma colina, com flores no jardim da frente. Espero cuidar bem de tudo. Talvez haja uma livraria na aldeia, para que eu possa comprar livros sobre jardinagem. De qualquer forma, as flores estão lindas agora, apesar da humidade no ar.

Avistei uma mulher na janela do quarto — ou pensei ter avistado — a olhar para mim. Foi um momento estranho. Pareceu-me que os nossos olhos se encontraram por alguns segundos. Ela era bonita, pálida, loura... e trágica. Claro que foi apenas uma sombra, uma ilusão óptica, pois não havia ninguém ali.

Brenna O'Toole, uma mulher da aldeia, de uma exasperante eficiência, parou a sua carrinha atrás do meu carro. No mesmo instante assumiu

o comando de tudo, de uma maneira um tanto brusca e cordial... e profundamente apreciada. Ela é deslumbrante — e pergunto-me se todos aqui são deslumbrantes — com aquele comportamento rude e um tanto viril que algumas mulheres conseguem adoptar sem o menor esforço, enquanto continuam a manter uma feminilidade absoluta.

Imagino que ela me considere tola e inepta, mas foi gentil a respeito disso.

Comentou que a casa era assombrada, mas imagino que os aldeões dizem isso sobre todas as casas do país. Mas como decidi estudar a possibilidade de escrever um ensaio sobre as lendas irlandesas, posso pesquisar a base para a sua afirmação.

Como é natural, o meu relógio biológico e o meu organismo estão desregulados. Dormi durante a maior parte do dia, e fiz uma refeição à meia-noite.

Está escuro e enevoadado lá fora. A neblina é luminosa e, de certa forma, pungente. Sinto-me confortável fisicamente e tranquila mentalmente. Vai correr tudo bem.

Jude recostou-se. Deixou escapar um longo suspiro. Isso mesmo, pensou ela, vai correr tudo bem.

Às três horas da madrugada, quando os espíritos costumam agitar-se, Jude estava encolhida na cama, debaixo de uma colcha grossa, com um bule de chá na mesinha e um livro na mão. O fogo crepitava na lareira, a neblina esvoaçava pelas janelas. Ela perguntou-se se alguma vez já se sentira tão feliz.

E adormeceu, com a luz acesa e os óculos de leitura a escorregar pelo nariz.

Com a luz do dia, a chuva e a neblina afastadas pela brisa, o seu mundo tornou-se um lugar diferente. A claridade era suave, proporcionando aos campos um verde uniforme. Podia ouvir os pássaros, o que a lembrou de que precisava de desencantar o livro que comprara sobre a identificação das espécies. Naquele momento, porém, era bastante agradável e suficiente apenas ouvir aqueles gorjeios fascinantes. Não parecia importar que pássaro estava a cantar, desde que cantasse.

Andar pela relva densa e flexível parecia quase um sacrilégio, mas foi um pecado a que Jude não pôde resistir.

Na colina, ao lado da aldeia, ela avistou as ruínas da outrora grandiosa catedral dedicada a São Declan, com a torre redonda e gloriosa a pairar acima de tudo. Pensou por um instante no vulto que avistara ali, através da chuva. E estremeceu.

Trenguce. Afinal, não passava de um lugar como outro qualquer. Um sítio histórico, muito interessante. A avó — e o guia turístico — haviam-na informado sobre as inscrições em *ogham*, uma forma arcaica de irlandês, no interior e na arcada romântica. Iria até lá para ver pessoalmente.

E, para leste, se a memória não falhava, depois do hotel no penhasco, ficava a antiga Fonte de São Declan, com as três cruzeiras de pedra e a cadeira também de pedra.

Visitaria as ruínas e a fonte, percorreria o trilho no penhasco. Talvez um dia, muito em breve, desse uma volta completa pelo promontório.

Mas hoje ela queria coisas mais simples, mais tranquilas.

As águas da baía faiscavam em azul, fluindo para os tons mais profundos do oceano. A praia larga e plana estava deserta.

Numa outra manhã, pensou ela, iria de carro até à aldeia, apenas para passear sozinha pela praia.

Hoje, porém, era um dia para vagar pelos campos, como ela imaginara, longe da aldeia, contemplando as montanhas. Esqueceu-se que pretendia apenas verificar as flores, orientar-se sobre a área em torno do chalé, antes de tratar de questões práticas.

Precisava de providenciar uma tomada de telefone no segundo quarto, a fim de poder ter acesso à Internet, para as suas pesquisas. Precisava de ligar para Chicago, de forma a avisar a família que chegara sã e salva. E, com certeza, precisava de ir à aldeia e descobrir onde poderia fazer compras e descontar cheques.

Mas estava um dia tão glorioso, o ar gentil como um beijo, a brisa suficientemente fresca para dissipar da sua mente os restos de fadiga da viagem, que ela continuou a andar, continuou a observar tudo, até que os sapatos ficaram molhados devido à relva encharcada pela chuva.

Era como entrar num quadro, pensou Jude de novo, um quadro animado pelo ondular das folhas, os sons dos pássaros, a fragrância da vegetação húmida.

Quando se deparou com outra casa, foi quase um choque. Ficava a alguma distância da estrada, com sebes na frente, nos lados e atrás, dando a impressão de serem pedaços apanhados sem qualquer cuidado e plantados ali ao acaso. Mas, de certa forma, o resultado era bom, reflectiu Jude. Era uma encantadora combinação de pedra e madeira, com saliências aqui e ali, uma profusão de flores na frente e atrás. Para além do jardim nos fundos havia uma cabana — que a mãe chamaria de barraca — com ferramentas e máquinas projectando-se pela porta.

No caminho ao lado da casa havia um carro, pintado de

cinza, dando a impressão de que saíra da linha de montagem muitos anos antes de Jude ter nascido.

Uma enorme cadela amarela dormia numa poça de sol, no outro lado da casa. Ou pelo menos Jude presumiu que dormia. A cadela estava deitada de costas, com as patas para o ar, como um animal atropelado numa estrada.

A casa dos O'Toole? Jude concluiu que deveria ser, quando uma mulher saiu pela porta nas traseiras, com um cesto de roupa nas mãos.

Tinha cabelos ruivos brilhantes, o corpo vigoroso, de ancas largas, que Jude imaginaria numa mulher que tivera de carregar e dar à luz cinco filhos. A cadela, provando que estava viva, rolou para o lado e balançou a sua cauda duas vezes, enquanto a mulher se encaminhava para o estendal.

Ocorreu a Jude que nunca antes vira alguém a pendurar roupas num estendal. Não era uma actividade em que mesmo as donas de casa mais dedicadas se costumassem empenhar no centro de Chicago. Parecia-lhe um processo automático e, por isso mesmo, tranquilizador. A mulher tirou molas do bolso do avental e segurou-as com a boca, enquanto se abaixava para tirar uma fronha do cesto. Sacudiu-a com um movimento firme, prendendo-a depois no estendal. O item seguinte foi submetido ao mesmo processo, partilhando a segunda mola.

Fascinante.

A mulher foi até ao final da corda, sem qualquer pressa óbvia, tendo a cadela amarela por companhia. Esvaziou o cesto, enquanto as roupas que já pendurara esvoaçavam húmidas, com a brisa que soprava.

Apenas outra parte do quadro, reflectiu Jude. Daria àquela secção o título de *Esposa Rural*.

Quando o cesto ficou vazio, a mulher virou-se para a outra corda no estendal, recolhendo as roupas já penduradas ali e secas. Dobrava-as e empilhava-as no cesto.

Ajeitou o cesto contra a anca e voltou para dentro da casa, com a cadela a pular ao seu lado.

Era uma maneira agradável de passar a manhã, pensou Jude.

E, ao final da tarde, quando todos voltassem para casa, encontrariam o aroma delicioso do jantar no fogo. Alguma espécie de guisado, imaginou Jude. Ou um rosbife com batatas e molho. A família sentar-se-ia em redor da mesa, com travessas e pratos maravilhosamente desiguais. Conversariam sobre o dia, rindo muito. Às escondidas, dariam restos à cadela, suplicante debaixo da mesa.

Famílias grandes, pensou ela, deviam ser um grande conforto.

Claro que não havia nada errado com as pequenas, ela acrescentou no mesmo instante, sentindo-se culpada. Ser filha única tinha as suas vantagens. Obtivera toda a atenção dos pais.

Talvez atenção demais, murmurou uma vozinha no seu ouvido.

Mas Jude considerou que essa voz era grosseira e tratou de a bloquear. Virou-se para voltar ao chalé, a fim de fazer alguma coisa prática com o seu tempo.

Como se sentia desleal, telefonou imediatamente para casa. Por causa da diferença de fuso horário, apanhou os pais em casa, antes de saírem para trabalhar. Sufocou a culpa com uma conversa jovial, garantindo que estava a descansar, a divertir-se e ansiosa por aquela nova experiência.

Sabia muito bem que ambos consideravam a sua impulsiva viagem à Irlanda uma espécie de experiência, uma mudança de quarenta e cinco graus no caminho que se mostrara contente em seguir por tanto tempo. Os pais não se mostraram contra, o que a deixara aliviada. Apenas se mostraram perplexos. E Jude não tinha como tornar as coisas mais claras para os dois. Nem para si mesma.

Pensando na família, fez outro telefonema. Não havia necessidade de explicar o que quer que fosse à avó Murray. Ela simplesmente sabia. Com o coração mais leve, Jude relatou à avó todos os detalhes da viagem, as suas impressões, a satisfação com o chalé, enquanto fazia um chá e preparava uma sanduíche.

— Acabei de dar uma volta — continuou ela, com o telefone preso ao ombro, enquanto punha o almoço simples na mesa. — Vi as ruínas e a torre à distância. Irei lá dar uma vista de olhos mais tarde.

— É um lugar extraordinário. — Comentou a avó. — Há muita coisa para sentir aí.

— Estou interessada em ver as inscrições e a arcada, mas não queria afastar-me muito hoje. Vi a casa dos vizinhos. Devem ser os O'Toole.

— Ah, Michael O'Toole. Lembro-me de quando ele era apenas um rapaz... O Mick tinha um sorriso fácil e um jeito especial de arrancar chá e bolos de qualquer uma. Casou com a linda rapariga Logan, a Mollie, e tiveram cinco filhas. A que tu conheceste, a Brenna, deve ser a mais velha da prole. Como está a bela Mollie?

— Não cheguei a falar com ela. Estava muito ocupada a pendurar a roupa na corda.

— Não encontrarás nenhuma pessoa ocupada demais

para um momento de conversa, Jude Frances. Da próxima vez que saíres para passear, pára e cumprimenta a Mollie O'Toole.

— Está bem. Ah, avó... — Divertida, Jude sorriu, enquanto tomava um gole de chá. — A avó não me disse que o chalé era assombrado.

— Claro que eu disse, rapariga. Não ouviste as cassetes, nem leste as cartas e outros documentos que te dei?

— Ainda não.

— E deves estar a pensar que lá está a avó de novo, com as suas histórias fantasiosas. Mas contei tudo sobre *Lady Gwen* e o príncipe das fadas que se apaixonou por ela.

— Príncipe das fadas?

— É o que dizem. O chalé foi construído numa colina encantada, sobre o palácio das fadas. *Lady Gwen* ainda espera o seu amor, definhando-se, arrependida por ter escolhido o bom senso e rejeitado a felicidade. E ele perdeu a felicidade por causa do orgulho.

— É muito triste. — Murmurou Jude.

— Também acho. Ainda assim, a colina é um bom lugar para conheceres melhor o teu coração. Não deixes de olhar para dentro de ti enquanto estiveres aí.

— Neste momento, estou apenas à procura de sossego.

— Descansa tanto quanto precisares, porque há muito sossego por aí. Mas não te mantinhas à distância por tempo demais, apenas a observar o resto do mundo. A vida é muito mais curta do que imaginas.

— Porque não vem para cá, avó, e fica comigo no chalé?

— Eu voltarei, podes ter a certeza, mas agora é a tua vez. E presta muita atenção. És uma boa rapariga, Jude, mas não precisas de ser boa durante o tempo todo.

— É o que a avó sempre me diz. Talvez eu encontre algum belo patife irlandês e tenhamos um romance arrebatador.

— Não te faria mal algum. Podes levar flores por mim ao túmulo da prima Maude, querida? E avisa-a que voltarei assim que puder.

— Claro. Amo-a, avó.

Jude não sabia para onde o tempo ia. Pensara em fazer alguma coisa produtiva. A sua intenção fora a de sair para admirar as flores apenas por alguns minutos. Colher um punhado delas para pôr na garrafa de vidro azul que encontrara na sala. Como era de se esperar, apanhou flores demais e precisou de outra garrafa. Parecia não haver um vaso de verdade na casa. Depois, fora bastante divertido sentar-se no alpendre para arrumar as flores, desejando saber os seus nomes. E passara a maior parte da tarde absorvida nisso.

Fora um erro levar a garrafa menor, verde, para o escritório, pondo-a na mesa do computador. Resolvera deitar-se, para descansar por um ou dois minutos. Acabara por dormir durante duas horas na pequena cama do escritório. Acordou meia atordoada. E consternada.

Perdera o seu senso de disciplina. Tornara-se preguiçosa. Nada fizera para além de dormir e desperdiçar tempo nas últimas trinta horas.

E sentia fome de novo.

Por este ritmo, reflectiu ela, enquanto procurava algo de preparação rápida na cozinha, estaria gorda, lerda e estúpida numa semana.

Tinha de sair, entrar no carro, descer até à aldeia. Descobriria uma livraria, o banco, a estação dos correios. Desco-

briria onde ficava o cemitério, a fim de poder visitar o túmulo da velha Maude, em nome da avó. Era o que deveria ter feito naquela manhã. Mas resolveria esses problemas agora e poderia passar o dia seguinte a examinar as gravações e as cartas que a avó lhe entregara, a fim de verificar se havia ali material para um ensaio.

Trocou de roupa para sair. Escolheu umas calças compridas elegantes, uma blusa de gola alta e um *blazer*. Vestida assim, sentiu-se muito mais alerta e profissional do que com a camisola grossa e as calças de ganga que usara durante o dia inteiro.

Atacou os cabelos... e “atacar” era o único termo que poderia usar para descrever o que teve de fazer para os domar num rabo-de-cavalo, grosso e amarrado, enquanto os cabelos queriam encrespar e saltar para todas as direcções ao mesmo tempo.

Foi cautelosa com a maquilhagem. Nunca fora muito habilidosa, mas o resultado pareceu apropriado para um passeio informal pela aldeia. Um derradeiro olhar no espelho confirmou que não parecia um cadáver de um dia nem uma vigarista, impressões que poderia passar... o que já havia acontecido.

Jude respirou fundo e saiu do chalé, para tentar mais uma sessão com o carro alugado e as estradas irlandesas. Já se tinha sentado ao volante e estava a estender a mão para a ignição quando se apercebeu que havia esquecido as chaves.

— Preciso de começar a tomar os comprimidos de *Ginkgo biloba* — murmurou, enquanto saía do carro.

Depois de uma procura frustrada, encontrou as chaves na mesa da cozinha. Lembrou-se dessa vez de acender uma luz, pois poderia estar escuro quando voltasse. Trancou a porta

da frente. Não se conseguiu lembrar se tinha trancado a porta dos fundos. Deu a volta ao chalé para verificar, resmungando contra a memória deficiente.

O Sol descia agora a oeste, com uma chuva fina a cair, quando ela finalmente ligou o carro e saiu de marcha-atrás, devagar, para a estrada.

O percurso era muito menor do que se lembrava, e a paisagem muito mais espectacular, sem o aguaceiro a deslizar pelo pára-brisas. Havia nas sebes incontáveis botões de fúchsias silvestres, em gotas vermelhas como sangue. Havia arbustos com pequenas flores brancas, que mais tarde ela descobriria serem abrunheiros, e frésias com flores amarelas.

Numa curva da estrada, ela avistou as ruínas da catedral na colina, com a torre a projectar-se para o céu, pairando acima da aldeia.

Não havia ninguém por ali.

A torre resistia há oitocentos anos. Isso, por si só, pensou Jude, já era uma maravilha. Guerras, fartura e fome, por meio de sangue, morte e renascimento, o seu poder permanecia. Para adorar e defender. Ela questionou-se se a avó não teria razão; e, se tivesse, o que uma pessoa não sentiria parada àquela sombra na terra que havia experimentado todo o peso do devoto e do profano?

Era um pensamento estranho, concluiu Jude, e tratou de o afastar, enquanto entrava na aldeia, que seria sua pelos próximos seis meses.

CAPÍTULO TRÊS

Dentro do Gallagher's Pub, a claridade era difusa, e o fogo vivo. Era assim que os clientes preferiam, num final de tarde húmida, no início da Primavera. O Gallagher's servia e agradava clientes há mais de cento e cinquenta anos, naquele mesmo lugar. Oferecia uma boa *lager*, a cerveja leve, e uma dose de uísque razoável, nunca aguado, com o conforto necessário para saborear o conteúdo da caneca ou do copo.

Quando Shamus Gallagher abrisse o bar, no Ano de Nosso Senhor de 1842, juntamente com a sua boa esposa, Meg, o uísque era mais barato. Mas um homem tem de ganhar o seu sustento, por mais hospitaleiro que seja. Por isso, o preço do uísque era agora mais caro do que no passado, mas nem por isso era menor a expectativa de que fosse devidamente apreciado.

Shamus investira no *pub* as esperanças da sua vida, sem falar nas economias. Tinha havido mais períodos de escassez do que de fartura, ao longo dos anos. Certa ocasião, uma ventania soprara do mar e arrancara o telhado, levando-o para Dungarvan.

Ou pelo menos era o que alguns gostavam de comentar, quando tomavam mais de um ou dois copos do uísque irlandês.

Ainda assim, o *pub* resistira, as raízes fincadas na terra e rocha de Ardmore. O primogénito de Shamus tomara o lugar do pai, por trás do mesmo balcão de castanheiro, depois viera o seu próprio filho, e assim por diante.

Gerações dos Gallagher haviam servido gerações de outras famílias e haviam prosperado o suficiente para expandir instalações, a fim de que mais pessoas pudessem sair da noite húmida, depois de um dia inteiro de trabalho árduo, para apreciar uma ou duas canecas de cerveja. Havia também comida, além das bebidas, o que tornava o *pub* atraente tanto para o corpo como para a alma. E na maioria das noites ainda havia música, para apaziguar os corações.

Ardmore era uma aldeia de pescadores e por isso dependia da generosidade do mar. Vivia de acordo com os caprichos do oceano. Como era pitoresca e se gabava de ter belas praias, contava também com os turistas. E vivia de acordo com os caprichos deles.

O Gallagher's era um dos pontos centrais de Ardmore. As suas portas permaneciam sempre abertas, nos bons e nos maus tempos, quando os peixes nadavam a toda a velocidade para as redes, em abundância, ou quando as tempestades se abatiam sobre a baía, com tanta violência, que ninguém ousava sair para lançar as suas redes.

A fumaça e as emanções do uísque, o vapor dos guisados e o suor dos homens, tudo se tinha entranhado de tal forma na madeira, que o *pub* exalava para sempre o cheiro dos vivos. Bancos e cadeiras eram cobertos por capas de um vermelho-escuro, com tachões de latão enegrecido a prender o tecido no lugar.

O tecto era aberto, com as vigas à mostra. Em muitas noites de sábado, quando a música era bastante alta, aquelas vigas tremiam. O soalho estava todo marcado pelas botas dos homens, arranhado pelas cadeiras e bancos arrastados, chamuscado pela fagulha do cigarro descuidado e ocasional. Mas

estava limpo, e quatro vezes por ano, quer precisasse quer não, era todo encerado e polido, como uma sala de visitas.

O balcão era o orgulho do estabelecimento. Era espectacular, de um castanheiro escuro, feito pelo próprio Shamus. As pessoas gostavam de dizer que a madeira era de uma árvore que fora atingida por um raio em pleno solstício de Verão. Isso fazia com que tivesse um pouco de magia. As pessoas que se sentavam ali sentiam-se melhor por isso.

Por trás do balcão, a longa parede espelhada exibia as mais diversas garrafas, para satisfação dos clientes. E estava tudo limpo e lustroso como moedas novas. Os Gallagher dirigiam um *pub* muito animado, mas também arrumado. Os pingos eram enxugados, o pó era espanado e nunca se servia uma bebida num copo sujo.

O fogo na lareira era de turfa, porque encantava os turistas, e os turistas representavam a diferença entre sobreviver e prosperar. Eram mais abundantes no Verão e início do Outono, quando podiam aproveitar as praias; mais escassos no Inverno e começo da Primavera. Mas mesmo assim apareciam, e a maioria parava no Gallagher's para levantar um copo, ouvir uma canção ou saborear um dos pastelões de carne bem condimentados do *pub*.

Os frequentadores habituais começavam a aparecer depois da refeição do final do dia, quer para conversas e fofuques, como para uma caneca de Guinness. Alguns também apareciam para jantar, mas por norma em ocasiões especiais, se tivessem família. Ou se era um homem sozinho, porque se cansara da própria comida, ou queria namoriscar com Darcy Gallagher, que quase sempre se mostrava disposta a corresponder.

Ela tratava quer do serviço ao balcão, quer do das mesas e da cozinha. Mas a cozinha era o lugar que menos lhe agradava. Por isso, deixava-a para o irmão Shawn, quando se conseguia esquivar.

As pessoas que conheciam o Gallagher's sabiam que era Aidan, o mais velho, quem dirigia o *pub*, agora que os pais pareciam propensos a permanecer em Boston. A maioria concordava que ele parecia estar curado da sua ânsia de viagem, e agora dirigia o *pub* da família de uma maneira que deixaria Shamus orgulhoso.

Aidan sentia-se contente por estar ali, por ser quem era. Aprendera muito sobre si mesmo e sobre a vida durante as suas vagueações. Dizia-se que a coceira nos pés vinha do lado Fitzgerald; a sua mãe, antes de casar, viajara por boa parte do mundo, com a voz a pagar as taxas.

O filho colocou uma mochila às costas quando tinha apenas dezoito anos. Viajara por todo o país, depois percorrera a Inglaterra, França e Itália, até mesmo a Espanha. Passara um ano nos Estados Unidos; ficara deslumbrado com as montanhas e planícies do Oeste, suara com o calor do Sul, e congelara ao longo de um Inverno no Norte.

Ele e os irmãos eram tão musicais quanto a mãe. Por isso, cantava enquanto jantava ou cuidava do bar, o que considerasse mais adequado aos seus propósitos na ocasião. Depois de ver tudo o que desejara ver, Aidan voltara para casa, um homem bastante viajado, de vinte e cinco anos.

Há seis anos que cuidava do *pub*, onde também morava, no andar de cima.

Mas estava à espera. Não sabia bem de quê, apenas esperava.

Mesmo agora, enquanto enchia uma caneca com Guinness, despejava Harp num copo e mantinha um ouvido atento à conversa, para o caso de ser obrigado a fazer um comentário; parte dele retraía-se, paciente e atenta.

As pessoas que o observassem melhor poderiam perceber a vigilância nos seus olhos azuis, sob as sobranceiras de tonalidade escura, igual à do balcão, que era o orgulho do *pub*.

Aidan tinha o rosto de ossos salientes dos celtas, com a beleza rude que os bons genes dos pais haviam unido. O nariz era comprido e recto, a boca grande e sensual, com o queixo saliente, em que havia a insinuação de uma covinha, sempre erguido, na pose de quem desafia os outros a tentarem acertar um soco.

Tinha o corpo de um lutador, com ombros largos, braços compridos, quadris estreitos. E, de facto, tinha passado uma boa parte da sua juventude a lançar os seus punhos a rostos ou a recebê-los na sua própria cara. Não apenas por explosões de raiva, mas também por pura diversão, como ele não tinha o menor constrangimento em admitir.

Era uma questão de orgulho o facto de Aidan, ao contrário do irmão Shawn, nunca ter saído de uma briga com o nariz partido.

De qualquer maneira, ele parara de arranjar problemas ao tornar-se um homem feito. Agora, apenas procurava alguma coisa e acreditava que saberia o que era quando a encontrasse.

No momento em que Jude entrou no *pub*, ele notou... Primeiro como comerciante e depois como homem. Ela estava impecável, com o seu casaco elegante e os cabelos esticados para trás, tão perdida com os olhos grandes a esquadriñar a sala como uma corça que procura um caminho novo na floresta.

Uma coisinha bonita, pensou Aidan, como faz a maioria dos homens ao deparar-se com uma mulher de rosto e corpo atraentes. E, sendo alguém acostumado a rostos novos, ele também se apercebeu do nervosismo dela, que a manteve paralisada mal passou da porta, como se se pudesse virar e fugir a qualquer momento.

A sua aparência e atitude conquistaram o interesse de Aidan, que logo sentiu uma vibração lenta e agradável a esquentar o seu sangue.

Ela empinou os ombros, um gesto determinado que o divertiu, e avançou para o balcão.

— Uma boa noite para si. — Disse Aidan, enquanto passava o pano pelo balcão, para limpar as gotas derramadas. — O que vai querer?

Jude fez menção de falar, para pedir polidamente um copo de vinho branco. E foi nesse instante que o homem sorriu, uma contracção dos lábios, bem lenta, o que a deixou a palpitar por dentro e transformou a sua mente num burburinho de estática... o que era inexplicável.

Era verdade, pensou Jude, vagamente, todos ali eram mesmo deslumbrantes.

O homem parecia não ter a menor pressa em ouvir a sua resposta. Apenas se inclinou por cima do balcão, aproximando de Jude aquele rosto maravilhoso, ao mesmo tempo que inclinava a cabeça e franzia a testa.

— Quer dizer que está perdida, minha cara?

Jude imaginou que se derretia, desmanchava-se no chão, numa poça de hormonas e desejo. O próprio embaraço da imagem fez com que recuperasse o controlo.

— Não, não estou perdida. Posso beber um copo de vinho branco? Chardonnay, se tiver.

— Posso ajudá-la nesse ponto. — Mas ele não fez qualquer movimento para o servir, nesse momento. — Então é uma ianque. Por acaso é a jovem prima americana da velha Maude, que veio passar algum tempo no seu chalé?

— Isso mesmo... Chamo-me Jude... Jude Murray.

Num gesto automático, ela ofereceu a mão e um sorriso cuidadoso, que permitiu o breve aparecimento de covinhas nas suas faces.

Aidan sempre sentira uma atracção irresistível por covinhas num rosto bonito.

Pegou na mão estendida, mas não a apertou. Segurou-a enquanto continuava a olhar para Jude, até que — ela jurou que sentiu isso — os ossos dela começaram a chiar.

— Seja bem-vinda a Ardmore, Sra. Murray, e ao Gallagher's. Chamo-me Aidan, e este é o meu estabelecimento. Tim, oferece o teu lugar à senhora. Onde estão os teus modos?

— Oh, não precisa...

Mas Tim, um homem corpulento, com uma massa de cabelos da cor e textura de palha-de-aço, saiu do seu banco.

— Peça-lhe que me perdoe.

Ele desviou os olhos do programa desportivo a que assistia, na televisão na extremidade do balcão, para oferecer a Jude uma piscadela rápida e encantadora.

— A menos que prefira uma mesa. — Acrescentou Aidan, enquanto ela continuava de pé, parecendo algo contrafeita.

— Não, não, está bom assim. Obrigada.

Jude sentou-se no banco, tentando não se mostrar tensa ao tornar-se o foco das atenções. Era o que mais a perturbava

como professora, todos aqueles rostos virados na sua direcção, à espera que ela fosse profunda e brilhante.

Aidan largou finalmente a sua mão, no momento em que ela começava a pensar que poderia dissolver-se a qualquer instante. Ele tirou a caneca de vidro debaixo da torneira, estendendo-a para as mãos ansiosas à espera.

— E o que está a achar da Irlanda? — Perguntou Aidan, enquanto se virava para pegar numa garrafa de vinho da prateleira espelhada.

— É adorável.

— Não há ninguém aqui que não concorde consigo nesse ponto. — Ele serviu o vinho, olhando para Jude, não para o copo. — E como está a sua avó?

— Ah... — Jude ficou espantada por ele ter enchido o copo com perfeição, mesmo sem olhar, colocando-o à sua frente. — Está muito bem. Conhece-a?

— Conheço. A minha mãe era uma Fitzgerald, prima da sua avó... em terceiro ou quarto grau, acho. O que faz com que sejamos primos também. — Aidan bateu com um dedo no copo. — *Slainte*, prima Jude.

— Hum... obrigada.

Ela ergueu o copo no momento em que gritos começaram a soar na direcção da cozinha. Uma voz de mulher, clara como sinos de igreja, acusou alguém de ser um bronco, tapado, desastrado, com um cérebro menor do que um nabo. A resposta não tardou, numa voz masculina irritada: era melhor ser um nabo do que estúpida como a sujeira em que ele cresce.

Ninguém parecia surpreso ou chocado com os gritos e comentários que se seguiram, nem com o súbito estrondo de alguma coisa a quebrar, o que provocou um sobressalto em

Jude, que derramou umas poucas gotas do vinho no dorso da mão.

— São mais dois primos. — Explicou Aidan, enquanto pegava na mão de Jude e a enxugava com eficiência. — A minha irmã, Darcy, e o meu irmão, Shawn.

— Não seria melhor ir verificar qual é o problema?

— Que problema?

Jude arregalou os olhos quando as vozes começaram de novo a altlear-se.

— Atira esse prato à minha cabeça, sua víbora, e juro que vou...

A ameaça terminou com uma imprecação impetuosa quando algo se espatifou contra a parede. Segundos depois, uma mulher saiu pela porta de trás do balcão, carregando uma bandeja de comida, com o rosto vermelho e uma expressão satisfeita.

— Conseguiu acertar-lhe, Darcy? — Perguntou alguém.

— Não. Ele esquivou-se.

Ela sacudiu a cabeça, fazendo esvoaçar uma nuvem de cabelos pretos como um corvo. O mau feitio combinava com ele. Os olhos azul-acinzentados faiscavam, a boca generosa fazia beicinho. Levou a bandeja com movimentos provocantes das ancas para uma família de cinco pessoas, sentada em torno de uma mesa baixa. E quando estava a servir, inclinou a cabeça para ouvir o que a mulher à mesa murmurava. Depois, inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

O riso ficava-lhe tão bem quanto o feitio, reflectiu Jude.

— Descontarei o preço do prato do teu pagamento — informou Aidan, quando ela se aproximou do balcão.

— Não faz mal. Valeu a pena até ao último cêntimo...

e valeria ainda mais se eu tivesse acertado no alvo. Os Clooney estão a precisar de mais duas Colas, um *ginger ale* e duas Harps... uma caneca e um copo.

Aidan começou a providenciar o pedido.

— Darcy, esta é a Jude Murray, da América. Veio para ficar no chalé da velha Maude.

— Prazer em conhecê-la. — A fúria foi logo substituída por um intenso interesse nos olhos de Darcy. A expressão de irritação deu lugar a um sorriso rápido e radiante. — Está bem instalada?

— Estou sim, obrigada.

— Veio de Chicago, não é? Gosta de lá estar?

— É uma linda cidade.

— E cheia de lojas maravilhosas, bons restaurantes e coisas assim. O que faz em Chicago para ganhar a vida?

— Sou professora de psicologia.

Era, pensou Jude. Mas seria muito difícil explicar, especialmente agora que as atenções estavam de novo concentradas nela.

— Ah, sim? Pois isso é bem conveniente. — Os lindos olhos de Darcy brilhavam de humor, com um ligeiro toque de malícia. — Talvez possa examinar a cabeça do meu irmão Shawn quando tiver tempo. Ele tem qualquer coisa de errado desde o nascimento.

Ela pegou na bandeja com as bebidas que Aidan empurrara na sua direcção. Sorriu para o irmão mais velho. — E foram dois pratos. Falhei das duas vezes, mas quase lhe acertei na orelha com o segundo.

Afastou-se quase saltitante para servir as bebidas e anotar os pedidos de outras mesas.

Aidan colocou mais dois copos por baixo das torneiras. Alteou uma sobrelha para Jude.

— Não está a gostar do vinho?

— Como? — Ela baixou os olhos, notando que mal bebera. — Claro que estou. É muito bom. — Jude bebeu um gole, apenas para ser cordial. Depois sorriu timidamente, com as covinhas a ressuscitarem. — É uma delícia, para ser sincera. Eu estava apenas distraída.

— Não precisa de se preocupar com a Darcy e o Shawn. É verdade que o Shawn é bastante ágil, mas a nossa irmã tem um braço forte e a mira certa. Se quisesse mesmo acertar-lhe, provavelmente já o teria conseguido.

Jude soltou um murmúrio neutro, enquanto alguém no canto da frente começava a tocar uma concertina.

— Tenho primos em Chicago. — O comentário foi de Tim, que continuava parado atrás de Jude, esperando pacientemente pela segunda caneca de cerveja. — Os Dempsey, Mary e Jack. Por acaso conhece-os?

— Sinto muito, mas não os conheço.

Jude mudou de posição no banco, virando o rosto para ele.

— Chicago é uma cidade grande. O meu primo Jack e eu fomos criados juntos. Depois, ele foi para a América para trabalhar com o tio por parte da mãe numa empresa de congelados. Já está lá há dez anos e queixa-se, amargurado, do vento e do Inverno, mas não toma a iniciativa de voltar.

Pegou na caneca estendida por Aidan com um obrigado e deixou as moedas no balcão.

— Já estive em Chicago, não foi, Aidan?

— Passei por lá. O lago é muito bonito e parece grande

como o mar. O vento que sopra do lago é como uma faca a rasgar a pele e a atingir o osso. Mas pode-se comer um bom bife ali, se a memória não me engana, que nos faz chorar de gratidão por Deus ter criado a vaca.

Ele trabalhava enquanto falava, providenciando outro pedido para a bandeja da irmã, as torneiras abertas quase o tempo todo, abrindo uma garrafa de cerveja americana para um rapaz que dava a impressão de que ainda se deveria ficar pelos batidos.

O volume da música aumentou, agora com um ritmo mais animado. Quando Darcy levantou a bandeja do balcão dessa vez, estava a cantar de uma maneira que fez Jude fitá-la, espantada, com admiração e inveja.

Não apenas pela voz, embora fosse espectacular, firme e cristalina. Mas pela descontração que permitia a alguém começar subitamente a cantar em público. Era uma canção sobre uma velha solteirona agonizante, num sótão. Pelos olhares das presenças masculinas no *pub* — variando do menino Clooney de dez anos a um ancião que mais parecia um esqueleto ambulante, na outra extremidade do balcão —, era um destino que Darcy Gallagher nunca teria de enfrentar.

As pessoas juntaram-se no coro, e as torneiras passaram a jorrar mais depressa.

A primeira canção foi sucedida por uma segunda, quase sem alteração do ritmo. Aidan começou a cantar, sobre a traição da mulher que usava uma faixa preta de veludo. Jude ficou aturdida. A voz era suave, tão rica quanto a da irmã, com uma beleza descontraída.

Ele serviu uma caneca de *lager* enquanto cantava. Piscou o olho a Jude, empurrando a caneca por cima do balcão. Ela

sentiu o rosto ficar vermelho, da mortificação de ser surpreendida a fitá-lo abertamente, mas esperava que estivesse suficientemente escuro ali dentro para disfarçar a sua atenção.

Jude pegou no copo, rezando para parecer casual, como se se sentasse com frequência em bares onde as pessoas cantavam e homens que pareciam obras de arte lhe piscavam o olho. E descobriu que tinha o copo cheio. Franziu o rosto, com a certeza de que bebera pelo menos metade do vinho. Mas como Aidan se afastara, ela não quis interromper o seu trabalho nem a canção. Limitou-se a levantar os ombros, tomando um gole do copo cheio.

A porta que ela presumia ser da cozinha foi aberta de novo. Jude sentiu-se grata por ninguém lhe prestar atenção, pois teve a certeza de que arregalou os olhos. O homem que apareceu ali dava a impressão de que saíra de um cenário de cinema... um filme sobre antigos cavaleiros celtas que salvavam reinos de donzelas.

O corpo alto e esguio combinava com as calças de ganga desbotadas e a camisola escura. Os cabelos eram pretos como a noite, caindo por cima da gola da camisola; os olhos, de um azul de lago, sonhadores, a cintilarem de humor. A boca era parecida com a de Aidan, cheia, forte e sensual, e o nariz um pouco torto, apenas o suficiente para poupá-lo do fardo da perfeição.

Jude apercebeu-se do pequeno corte na orelha e presumiu que fosse Shawn Gallagher, que não conseguira esquivar-se com a rapidez necessária.

Ele avançou gracioso pela sala, para servir a comida que levava na bandeja. Depois, num movimento súbito que fez Jude prender a respiração, na expectativa da briga, ele agarrou a irmã, virou-a para fitá-lo e fê-la girar, numa dança complicada.

Que tipo de pessoas eram aquelas, pensou Jude, capazes de se lançarem ameaças uma à outra num momento e dançar no instante seguinte, num *pub* cheio, rindo juntas?

Os clientes assobiavam e batiam palmas. Pés batiam no chão marcando o ritmo. Os dois dançarinos chegaram bastante perto de Jude para que ela sentisse a brisa dos corpos a girar. Quando acabou, Darcy e Shawn trocaram um abraço afectuoso e sorriram um para o outro, como se fossem tolos.

Depois de ter dado um beijo na boca da irmã, Shawn virou-se para estudar Jude, com a mais cordial das expressões.

— Ora, ora, quem poderá ser essa jovem que sai a meio da noite para entrar no Gallagher's?

— É a Jude Murray, prima da velha Maude — informou Darcy. — Este é o meu irmão Shawn, o que precisa desesperadamente da sua ajuda profissional.

— A Brenna contou-me que a conheceu assim que chegou. Jude F. Murray, de Chicago.

— O “F” significa o quê? — Perguntou Aidan.

Jude virou a cabeça para o fitar.

— Frances.

— Ela viu a *Lady Gwen* — anunciou Shawn.

Antes que Jude se pudesse virar de novo para ele, todos no *pub* ficaram quietos.

— Ah sim? — Aidan limpou as mãos no pano. Largou-o e inclinou-se por cima do balcão. — Muito interessante...

Houve uma pausa, repleta de expectativa. Contrafeita, Jude tentou preenchê-la.

— Não... apenas pensei ter visto... estava a chover muito...

Pegou no seu copo. Tomou um gole longo, rezando para que a música recomeçasse.

— O Aidan também viu a *Lady Gwen*, a passear pelos penhascos.

Jude olhou aturdida para Shawn, depois outra vez para Aidan.

— Viu um fantasma. — Disse ela, espaçando as palavras.

— Ela chora enquanto anda e chora quando pára. E o som parece apunhalar o nosso coração, que sangra de dentro para fora.

Parte de Jude queria deixar-se levar pela música daquela voz. Mas piscou os olhos, abanou a cabeça.

— Mas não acredita mesmo em fantasmas, pois não?

Aidan tornou a erguer as sobrancelhas bonitas.

— Por que razão não deveria acreditar?

— Porque... porque fantasmas não existem!

Ele riu-se, um com forte e ondulante; e foi nesse instante que solucionou o mistério do copo sempre cheio de Jude ao servir mais vinho.

— Quero ouvi-la dizer isso depois de passar mais um mês aqui. A sua avó não lhe contou a história da *Lady Gwen* e Carrick, o príncipe do mundo das fadas?

— Não. Tenho algumas gravações que ela fez para mim, cartas e outros textos a falar de lendas e mitos. Estou... ahm... estou a pensar em escrever um ensaio sobre o folclore irlandês e o seu papel na psicologia da cultura.

— Isso é incrível. — Ele não se deu ao trabalho de esconder o seu divertimento, mesmo quando viu a expressão contrariada de Jude. Na sua opinião, ela ficava ainda mais bonita quando estava irritada. — Veio a um bom lugar para colher material para um projecto tão interessante.

— Devias falar com ela acerca da *Lady Gwen*, Aidan —

interveio Darcy. — E contar também as outras histórias. Fazes isso melhor do que ninguém.

— Contarei tudo, numa outra ocasião. Se estiver interessada, é claro, Jude Frances.

Ela sentia alguma irritação; e descobriu, consternada, que também estava um pouco tonta. Recorreu à sua dignidade da melhor forma possível, para balançar a cabeça e dizer:

— Claro. Terei o maior prazer em incluir histórias locais na minha pesquisa. Podemos marcar um novo encontro... quando for mais conveniente para si.

O sorriso de Aidan reapareceu, lento, descontraído. E irresistível.

— Não somos tão formais por aqui. Aparecerei em sua casa um dia destes e, se não estiver ocupada, poderei contar algumas histórias que conheço.

— Está bem. Obrigada.

Jude abriu a bolsa, para pegar na carteira. Mas Aidan colocou a sua mão sobre a dela.

— Não precisa de pagar. O vinho é por conta da casa. Como um voto de boas-vindas.

— É muito gentil da sua parte.

Jude gostaria de ter uma noção de quanto daquele voto de boas-vindas pusera na sua corrente sanguínea.

— Espero que volte. — Acrescentou Aidan, quando ela se levantou.

— Tenho a certeza de que voltarei. Boa noite. — Jude correu os olhos pela sala, já que parecia cordial incluir toda a gente. Tornou a fitar Aidan. — Obrigada.

— Boa noite, Jude Frances.

Ele observou-a a sair, pegando num copo, distraído,

quando alguém pediu mais uma cerveja. Uma coisinha bonita, pensou de novo. E suficientemente empertigada, concluiu ele, para fazer um homem especular o que seria preciso para a fazer relaxar.

E Aidan pensou que poderia gostar de investir o tempo necessário para o descobrir. Afinal, tempo era o que não lhe faltava.

— Ela deve ser rica. — Comentou Darcy, com um pequeno suspiro.

Aidan olhou para a irmã.

— Porque dizes isso?

— Dá para perceber pelas roupas, simples e perfeitas. Os brincos são de ouro de verdade. E aposto que os sapatos são italianos, ou casar-me-ei com um macaco.

Ele não tinha notado nos brincos nem nos sapatos, apenas na aparência geral, a feminilidade intensa e reprimida. Como homem, imaginara-a a tirar aquela faixa que usava na cabeça, deixando os cabelos soltos.

Mas a sua irmã estava a fazer beicinho de novo. Por isso, ele virou-se e passou um dedo pelo seu nariz.

— Ela pode ser rica, minha querida Darcy, mas está sozinha e é tímida, como tu nunca foste. O dinheiro não lhe vai comprar um amigo.

Darcy empurrou os seus cabelos para trás.

— Irei até ao chalé para a visitar.

— Tens um bom coração. — Ela sorriu, enquanto pegava na bandeja. — Ficaste a olhar para o traseiro dela quando ela saiu.

Aidan também sorriu.

— Tenho bons olhos.

...

Após o último cliente ter saído, os copos foram lavados, o chão varrido e as portas trancadas. Aidan deu por si irrequieto demais para dormir, ler um livro ou tomar um copo de uísque ao lado da lareira.

Ele não se importava com aquela última hora da noite, que passava sozinho nos seus aposentos, por cima do *pub*. Até a prezava. Mas também prezava as longas caminhadas que gostava de fazer nas noites em que o céu se abria, as estrelas apareciam e a lua deslizava branca sobre o mar.

Naquela noite ele foi até aos penhascos, já que pensara bastante neles. Era verdade o que o irmão dissera. Aidan vira *Lady Gwen*, mais de uma vez, parada acima do mar, com o vento a soprar os cabelos claros para trás, como se fossem a crina de um cavalo selvagem, o manto enfunado, tão branco quanto a lua lá em cima.

Na primeira vez, ainda era uma criança. A princípio, fora dominado por um terror excitado. Depois, ficara profundamente comovido, pelo som angustiado do seu choro e o desespero no rosto.

Lady Gwen nunca dissera qualquer coisa, mas fitara-o. E ele podia jurar isso, sobre quantas Bíblias pudesse segurar.

Naquela noite ele não procurava fantasmas nem o espírito de uma mulher que perdera o que mais amava antes de ser capaz de reconhecer o facto.

Ele queria apenas dar um passeio pelo ar frio da noite, à beira do mar, numa terra para a qual voltara porque nenhum outro lugar do mundo jamais se tornaria o seu lar.

Ao subir pelo trilho que conhecia tão bem quanto o ca-

minho da sua cama para a casa de banho, nada sentia além da noite, o ar e o mar.

A água movia-se lá em baixo, na sua interminável batalha contra os rochedos. A luz da meia-lua derramava-se numa linha delicada sobre a água escura, que nunca se mantinha totalmente calma. Ali ele podia respirar, acalantar os longos pensamentos para os quais quase nunca tinha tempo, no quotidiano do seu trabalho.

O *pub* era seu agora. E embora nunca tivesse esperado o impacto de todo esse peso, conseguira suportá-lo bastante bem. A decisão dos pais de permanecerem em Boston, em vez de ficarem apenas pelo tempo suficiente para ajudarem o seu tio a abrir o próprio *pub* e mantê-lo por seis meses, não chegara a ser uma surpresa.

O pai sempre sentira muita falta do irmão, enquanto a mãe sempre fora a favor da mudança para um novo lugar. Voltariam, é claro, talvez não para tornar a viver em Ardmore, mas voltariam para rever os amigos, abraçar os filhos. Mas o Gallagher's Pub fora passado de pai para filho, mais uma vez.

Como era o seu legado, tencionava mantê-lo.

Darcy não serviria às mesas e faria sanduíches para sempre. Ele também aceitava isso. A irmã guardava dinheiro como um esquilo entesoura nozes. Quando tivesse o suficiente para a satisfazer, iria embora.

Shawn sentia-se feliz por enquanto em cuidar da cozinha, sonhar os seus sonhos, e ter todas as mulheres da aldeia a ansiar por ele. Um dia ele encontraria o sonho certo, a mulher certa, e também partiria.

Se Aidan tencionava que o Gallagher's continuasse — e era o que pretendia — teria de pensar em encontrar uma mu-

lher e tratar de fazer um filho... ou uma filha, diga-se de passagem, já que não se sentia tão arraigado na tradição que não pudesse passar o *pub* a uma mulher.

Mas ainda havia tempo para isso, graças a Deus. Afinal, ele tinha apenas trinta e um anos, e não pretendia casar apenas pela responsabilidade. Teria de haver amor e paixão, o encontro de mentes, antes que houvesse votos nupciais.

Uma das coisas que ele aprendera nas suas viagens dizia respeito ao que um homem podia aceitar e ao que não podia. Podia aceitar um colchão todo encaroçado, se a alternativa fosse o chão, e sentir-se grato por isso. Mas não podia aceitar uma mulher que o entediasse, ou não pusesse o seu sangue a ferver, por mais lindo que fosse o seu rosto.

Enquanto pensava nisso, Aidan virou-se e olhou pela terra ondulada, para a suave elevação em que ficava o chalé branco, sob o céu e as estrelas. Uma fumaça ténue saía pela chaminé, com uma única luz acesa numa janela.

Jude Frances Murray, pensou ele, com o rosto a surgir de repente na sua mente. O que estarás a fazer agora, na tua pequena casa, na colina das fadas? Talvez estejas a ler um bom livro, com bastante peso e mensagens profundas. Ou a distraíres-te com uma história engraçada e irrelevante, agora que não há ninguém por perto para observar?

É a imagem o que te preocupa, reflectiu Aidan. Percebera isso pela hora ou pouco mais que Jude passara num dos seus bancos. Em que estão as pessoas a pensar? O que vêem quando olham para ti?

E enquanto ela pensava assim, concluiu Aidan, ela absorvia tudo o que podia ver ou ouvir a seu redor. Duvidava de que Jude soubesse disso, mas dava para perceber pelos seus olhos.

Aidan decidiu que demoraria algum tempo a descobrir o que pensava de Jude, o que via nela, e o que era real.

De qualquer forma, ela já conseguira agitar o seu sangue, com aqueles enormes olhos de deusa do mar, os cabelos presos atrás da cabeça, numa aparência severa. Gostara da sua voz, da precisão que transmitia, criando uma contradição intrigante com a timidez.

O que faria ela, a linda Jude, especulou Aidan, se ele fosse até lá agora e batesse à sua porta?

Mas não fazia sentido assustá-la, só porque ele se sentia irrequieto, e alguma coisa em Jude havia-o deixado curioso.

— Dorme bem. — Murmurou ele, enfiando as mãos nos bolsos, enquanto o vento turbilhonava em seu redor. — Uma noite destas, quando eu sair para passear, não será pelos penhascos, mas até à tua porta. E veremos então o que acontece.

Uma sombra passou pela janela, e a cortina foi puxada para o lado. Lá estava ela, quase como se o tivesse ouvido. A distância era muito grande para que Aidan visse mais do que os contornos, delineados contra a luz.

Pensou que ela também o poderia ver, apenas uma sombra nos penhascos.

Mas a cortina foi de novo fechada e, momentos depois, a luz apagou-se.

CAPÍTULO QUATRO

A fiabilidade, disse Jude a si mesma, começava com a responsabilidade. E ambas se baseavam na disciplina. Com este pequeno sermão na cabeça, ela levantou-se na manhã seguinte, preparou um pequeno-almoço simples, e depois subiu com um bule de chá para o escritório, a fim de se instalar e trabalhar.

Não sairia, não daria uma volta pelas colinas, embora estivesse um dia absolutamente glorioso. Não vaguearia para sonhar no meio das flores, por mais lindas que estas pudessem parecer pela janela. E muito menos iria de carro até à aldeia e passaria uma ou duas horas a passear pela praia, por mais fascinante que fosse a perspectiva.

Embora muitos pudessem considerar frívola a sua ideia de explorar as lendas transmitidas de geração para geração na Irlanda, na melhor das hipóteses, era sem dúvida um trabalho viável, se fosse abordado de forma apropriada, com o pensamento lúcido. Afinal, a arte de contar histórias, tanto na oralidade como pela palavra escrita, era uma das pedras fundamentais da cultura.

Não conseguia reconhecer por si mesma que o seu desejo mais oculto, mais secreto, era escrever. Escrever histórias, livros, abrir a câmara cuidadosamente trancada no seu coração e libertar as palavras e imagens.

Mas sempre que sacudia a tranca, ela tratava de se lembrar a si própria que era uma ambição inútil, romântica, até mesmo tola. As pessoas normais, com um talento médio, tinham de se contentar com o sensato.

Pesquisar, detalhar e analisar eram coisas sensatas, para as quais ela havia sido treinada. Coisas que os outros esperavam que ela fizesse, pensou, com um sussurro de ressentimento. O assunto que ela tinha seleccionado já era ousadia suficiente. Por isso, exploraria a razão psicológica para a formação e perpetuação dos mitos específicos da terra dos seus antepassados, ao longo das gerações.

A Irlanda fervilhava de mitos.

Fantasmas e *banshees*, os espíritos que se apresentavam como uma mulher a chorar, que era vista ou ouvida quando alguém da família ia morrer. Fadas e *pookas*, os espíritos travessos que faziam muitas brincadeiras, mas não eram maus. Como era rica e imaginativa a mente céltica. Diziam que o chalé ficava na colina das fadas, um dos lugares mágicos que ocultavam a reluzente construção subjacente.

Se a memória não lhe falhava, ela achava que a lenda dizia que um mortal poderia ser atraído ou até mesmo sequestrado para o mundo de fadas sob a colina, sendo mantido ali por cem anos.

Não era fascinante?

Pessoas normais, aparentemente racionais, na entrada do século XXI, podiam fazer essa declaração de boa fé.

Isso, reflectiu Jude, demonstrava o poder do mito sobre o intelecto e a psique.

E era suficientemente forte, suficientemente poderoso, para que algum tempo antes, quando se encontrava sozinha na noite, quase... isso mesmo, quase acreditasse. A música dos sinos de vento e o uivo do vento haviam-na influenciado, reflectiu ela agora. As canções tocadas pelo ar tinham a capacidade de levar a mente a sonhar.

E havia também aquele vulto no penhasco. A sombra de um homem, delineada contra o céu e o mar, tinha atraído o seu olhar e feito o seu coração disparar. Poderia ser um homem à espera da mulher amada. Ou a lamentar a perda da amada. Um príncipe das fadas a fazer a sua magia com o mar.

Muito romântico, reflectiu Jude. E muito poderoso.

Quem quer que fosse, porém, quem quer que andasse pelos penhascos açoitados pelo vento, depois da meia-noite, era obviamente um lunático. Mas ela não pensara nisso até de manhã, pois o impacto da imagem deixara-a a suspirar e estremecer à noite.

A insensatez, contudo, por falta de uma palavra melhor, era parte do charme das pessoas e das suas histórias. Por isso, ela usaria tudo. Exploraria a fundo. Absorveria ao máximo.

Animada, Jude virou-se para o computador portátil. Esqueceu as gravações e as cartas, pelo menos por enquanto, e começou a escrever:

Dizem que o chalé fica numa colina das fadas, uma das muitas elevações na Irlanda sob as quais esses seres vivem, nos seus palácios e castelos. Dizem também que se uma pessoa se aproximar da colina das fadas, poderá ouvir a música que toca no salão verde do castelo, por baixo da relva. E, se passar por cima, corre o risco de ser sequestrada pelos habitantes desse mundo encantado, sendo obrigado a fazer o que eles mandarem.

Ela parou de escrever. Sorriu. Tudo aquilo era um começo lírico demais e... ora, bem irlandês, para um ensaio académico sério. No seu primeiro ano de universidade, os seus trabalhos eram caracterizados por esse tipo de atitude. Diva-

gava, sem seguir os pontos básicos do tema, deixando de lado o esquema que havia projectado.

Como sabia que as notas eram importantes para os seus pais, aprendera a reprimir essas divagações pitorescas.

Mas aquilo não era para uma nota... e era apenas um esboço inicial. Ela refinaria o assunto mais tarde. Por enquanto, apenas registaria os seus pensamentos, fixaria as bases para a análise.

Sabia o suficiente, pelas histórias da avó, para fazer um relato conciso das personagens míticas mais comuns. A tarefa seria encontrar as histórias apropriadas e a estrutura em torno de cada personagem da lenda, para depois explicar o seu lugar na psicologia do povo que a criara.

Ela trabalhou durante toda a manhã em definições básicas, muitas vezes acrescentando um subtexto com referências aos equivalentes noutras culturas.

Concentrada no trabalho, mal prestou atenção ao bater na porta da frente. Quando se apercebeu do mesmo, piscou os olhos várias vezes, para sair de uma explicação sobre Pisogue, a bruxa irlandesa, ou *wise woman*, a sábia mulher, que era encontrada na maioria das aldeias, numa época anterior. Pendurou os óculos na gola da camisola e desceu apressada. Quando abriu a porta, Brenna O'Toole já se afastava, de volta para a sua carrinha.

— Lamento incomodá-la. — Murmurou Brenna.

— Não está a incomodar. — Jude pensou: Como poderia uma mulher, a usar botas de trabalho enlameadas, intimidá-la? — Eu estava no quarto lá em cima. Fico contente por ter aparecido. Não lhe agradei em condições anteontem.

— Não foi nada. Estava a dormir de pé. — Brenna voltou para o alpendre. — Quer dizer que já se instalou bem? Tem tudo de que precisa?

— Tenho sim, mas agradeço.

Jude notou que o boné desbotado de Brenna, comprimido sobre os cabelos, tinha uma pequena figura alada, pregada logo acima da pala. Mais fadas, pensou Jude, achando fascinante que uma mulher tão eficiente pudesse usar aquela figura como talismã.

— Não quer entrar para tomar um chá?

— Seria ótimo, mas ainda tenho trabalho a fazer. — Apesar disso, Brenna parecia decidida a prolongar a sua permanência no pequeno jardim. — Eu só queria saber se a Jude já localizou tudo na casa, se está a precisar de mais alguma coisa. Passo por aqui algumas vezes por dia.

— Não preciso de nada... isto é, gostaria de saber se me pode indicar quem devo procurar para instalar uma tomada de telefone no segundo quarto. Estou a utilizá-lo como escritório e preciso da tomada para o modem.

— Modem de computador? — Os olhos de Brenna brilharam interessados. — A minha irmã Mary Kate tem um computador. Está a estudar programação na escola. Pode-se até pensar que ela descobriu a cura para a estupidez com aquela coisa. Não deixa a gente chegar perto sequer.

— Interessa-se por computadores?

— Gosto de saber como as coisas funcionam e ela tem medo que eu desmonte o computador... Coisa que eu faria, é claro, pois, de outra forma, como poderia descobrir como funciona? Ela também tem um modem. Envia mensagens para primos nossos em Nova Iorque e amigos em Galway. É uma maravilha.

— Acho que tem razão. E temos tendência a considerar o computador uma coisa banal, até que não o podemos utilizar mais.

— Posso encaminhar o seu problema à pessoa certa. Instalarão a tomada mais cedo ou mais tarde. — Brenna sorriu de novo. — Mais cedo ou mais tarde é uma maneira de falar. Não deve demorar mais de uma semana. Se demorar, posso armar uma ligação provisória, enquanto a Jude espera.

— Isso seria óptimo. Ficar-lhe-ia muito agradecida. Estive na aldeia ontem, mas as lojas já tinham fechado quando lá cheguei. Esperava encontrar uma livraria, para comprar alguns livros sobre jardinagem.

— Livros sobre jardinagem... — Brenna comprimiu os lábios. Imaginem só, pensou ela, precisar de ler para saber como plantar as coisas. — Não sei se poderá encontrar em Ardmore, mas provavelmente deve haver em Dungarvan ou Waterford City. De qualquer maneira, se quiser saber alguma coisa sobre as flores aqui, basta perguntar à minha mãe. É a melhor jardineira da aldeia.

Brenna olhou para trás, ao ouvir o som de um carro.

— Lá estão a Sra. Duffy e Betsy Clooney. Vieram dar as boas-vindas. Vou levar a minha carrinha para a estrada, para que as duas possam entrar. Aposto que a Sra. Duffy trouxe um bolo. É famosa pelos seus bolos. — Brenna acenou para as duas mulheres no carro. — Se precisar de alguma coisa, basta gritar.

— Está bem. Eu...

Oh, Deus, não me deixe sozinha com estranhas! Jude não teve tempo de expressar esse pensamento, pois Brenna voltou, apressada, para a carrinha.

E saiu a toda a velocidade. Jude considerou que era um menosprezo temerário e impetuoso pela abertura estreita da sebe, sem falar na possibilidade, por mais remota que fosse, de outro carro aparecer de repente. Depois, Brenna parou ao lado

do carro que chegava, os pára-lamas quase encostados, a fim de conversar por um momento com as novas visitas.

Jude continuou parada, retorcendo as mãos mentalmente, enquanto a carrinha se afastava aos solavancos pela estrada, e o carro entrava no terreno do chalé.

— Bom dia, Sra. Murray.

A mulher ao volante tinha olhos tão claros quanto um tordo. Os cabelos de tom castanho-claro estavam presos em submissão. Ela parecia usar um capacete ondulado de laca, brilhando como verniz ao sol.

Saltou do carro, os seios amplos e as ancas largas apoiados em pernas curtas e pés pequenos.

Jude fixou um sorriso no rosto e adiantou-se para o portão do jardim, como uma mulher a enfrentar a passagem pelo corredor da morte. Enquanto ela vasculhava o cérebro, à procura do cumprimento apropriado, a mulher abriu a porta traseira do carro. Falava sem parar, com Jude, com a segunda mulher, que acabara de sair do banco de passageiro... e com o mundo em geral, ao que parecia.

— Sou a Kathy Duffy, da aldeia. Esta é a Betsy Clooney, minha sobrinha pelo lado da minha imã. Patty Mary, a minha irmã, está hoje a trabalhar na loja de comida, caso contrário também teria vindo apresentar os seus cumprimentos. Mas eu disse à Betsy esta manhã: Ora, se pudermos pedir à vizinha para cuidar do bebé, enquanto as duas crianças mais velhas estiverem na escola, podemos ir até ao Faerie Hill Cottage para dar as boas-vindas à prima da velha Maude, da América.

Fez a maior parte desse discurso com o traseiro um tanto impressionante, quase todo coberto pelo estampado de papoilas vermelhas do vestido, virado na direcção de Jude, enquanto

pegava em alguma coisa dentro do carro. Quando se virou, com um prato nas mãos, onde havia um bolo coberto, tinha as faces um pouco coradas e um sorriso radiante.

— Parece-se um pouco com a sua avó, pelo que me lembro dela de quando era pequena — continuou Kathy. — Espero que ela esteja bem.

— Está, sim. Obrigada. Foi muito gentil da vossa parte virem visitar-me. — Jude abriu o portão. — Entrem, por favor.

— Espero que tenha tido tempo suficiente para se instalar em condições.

Betsy contornou o carro. Jude lembrou-se dela do *pub*, na noite anterior. A mulher com a família que ocupava uma das mesas baixas. De alguma forma, até essa ligação vaga ajudava.

— Comentei com a Tia Kathy que a vi no Gallagher's ontem à noite. Achámos que já deveria estar com tudo arrumado para receber os nossos cumprimentos.

— Eu vi-a com a sua família. As crianças eram muito bem com-portadas.

— Nem por isso. — Betsy revirou os olhos, de um verde quase transparente. — Mas não a quero desiludir tão depressa. Não tem filhos, não é?

— Não sou casada... Farei um chá, se quiserem.

— Seria óptimo. — Kathy foi avançando pelo chalé, obviamente à vontade. — Teremos uma agradável conversa na cozinha.

Para surpresa de Jude, foi mesmo isso o que aconteceu. Ela passou uma hora agradável com as duas mulheres, que tinham um comportamento afectuoso e um riso fácil. Era muito simples julgar que Kathy Duffy falava demais e era um tanto intransigente, mas ela fazia isso com o maior bom humor.

Antes de a hora terminar, a cabeça de Jude parecia girar em confusão com os nomes e parentescos dos habitantes de Ardmore, as brigas e as famílias, os casamentos e os velórios. Se havia alguma coisa que Katherine Anne Duffy não sabia sobre qualquer pessoa que vivera na região, durante os últimos cem anos, era porque não valeria a pena mencioná-la.

— É uma pena que não tenha conhecido a velha Maude.
— Comentou Kathy. — Era uma excelente mulher.

— A minha avó gostava muito dela.

— Eram mais como irmãos do que primas, apesar da diferença de idade. — Kathy anuiu com a cabeça. — A sua avó morou aqui quando era pequena, depois de ter perdido os pais. A minha mãe era amiga das duas. Ela e a Maude sentiram muitas saudades da sua avó, quando ela casou e foi viver para a América.

— E a Maude continuou aqui. — Jude correu os olhos pela cozinha. — Sozinha.

— Era assim que tinha de ser. A Maude teve um namorado. Planeavam casar.

— Ah sim? O que aconteceu?

— O nome dele era John Magee. A minha mãe disse que era um rapaz bonito, que adorava o mar. Tornou-se soldado na Grande Guerra e perdeu a vida nos campos da França.

— É muito triste, mas romântico também — murmurou Betsy. — A Maude nunca amou outro homem. Falava no namorado com frequência quando a vínhamos visitar, embora ele já estivesse morto há quase três quartos de século.

— Para algumas, há um único homem. — Disse Kathy, suspirando. — Nenhum antes, nenhum depois. Mas a velha Maude era feliz aqui, com as suas lembranças e as suas flores.

— É uma casa alegre. — Comentou Jude.

No mesmo instante, sentiu-se tola por tê-lo dito. Mas Kathy Duffy sorriu e balançou a cabeça.

— Tem razão. E as pessoas que conheceram a Maude estão felizes porque alguém da sua família mora aqui agora. Gostei de saber que já tem circulado pela aldeia, conhecendo as pessoas, mantendo contacto com a família.

— Família?

— A Jude é parente dos Fitzgerald, e há muitos deles em Old Parish. A minha amiga Deidre, que está em Boston agora, era uma Fitzgerald, antes de casar com Patrick Gallagher. Estive no *pub* deles ontem à noite.

— Ah, sim... — O rosto de Aidan aflorou imediatamente à mente de Jude, o sorriso lento, os olhos azuis. — Somos primos de alguma forma.

— Parece-me que a sua avó era prima em primeiro grau de Sarah, tia-avó de Deidre. Ou talvez fosse a sua bisavó, e as duas eram primas em segundo grau. Agora, o rapaz mais velho dos Gallagher... — Kathy fez uma pausa, pelo tempo suficiente para dar uma trincadela num pedaço de bolo. — Estiveste de olho nele durante algum tempo, não foi, Betsy?

— Posso ter olhado para ele uma ou outra vez, quando eu era uma adolescente de dezasseis anos. — Os olhos de Betsy riram por cima da chávena. — E ele pode ter retribuído os olhares. Mas depois foi embora, nas suas andanças, enquanto o meu Tom continuava aqui. Quando Aidan Gallagher voltou... bem, eu poderia ter olhado de novo, mas apenas para apreciar a criação de Deus.

— Ele era meio selvagem quando rapaz e dá a impressão de que ainda pode voltar a ser. — Kathy suspirou. — Sempre

tive uma queda por homens de coração selvagem. Não tem namorado nos Estados Unidos, Jude?

— Não. — Ela pensou por um momento em William. Alguma vez considerara o marido como namorado? — Não tenho ninguém especial.

— Se eles não são especiais, que sentido poderia haver?

Nenhum sentido, pensou Jude mais tarde, quando acompanhava as visitas até à porta. Não podia alegar que William fora o seu grande amor, como John Magee fora para Maude. Não haviam sido especiais um para o outro, ela e William.

Deveriam ter sido. E, por algum tempo, ele fora o centro da vida de Jude. Ela amara-o. Ou pelo menos acreditava que o amava. Quisera muito amá-lo, e oferecera-lhe o melhor que tinha.

Mas não fora suficiente. Era mortificante saber disso. Saber com que facilidade, com que insensatez, William rompera os votos ainda recentes e a descartara da sua vida.

Mas, por outro lado, ela podia admitir, não o lamentaria por setenta anos, se ele morresse de alguma forma heróica ou trágica. De qualquer forma, se William tivesse morrido em algum acidente inesperado, ela poderia ter-se tornado a viúva decidida, em vez de a esposa descartada.

E como era horrível compreender que ela teria preferido assim.

O que doía mais? A perda do marido ou o orgulho ferido? Independentemente da verdade, ela não permitiria que a mesma coisa voltasse a acontecer. Não se enquadraria de novo, casando e descasando, porque era o que se esperava dela.

Desta vez, ela concentrar-se-ia em si mesma, seria o que desejasse ser.

Não que tivesse qualquer coisa contra o casamento, pensou ela, enquanto permanecia no jardim. Os pais tinham um casamento sólido, eram devotados um ao outro. Podia não ser um casamento cinematográfico, de paixão arrebatada, como muitas pessoas gostavam de imaginar para si mesmas, mas o relacionamento era um bom testemunho de uma parceria que dava certo.

Talvez ela pretendesse ter com William alguma coisa parecida, um casamento tranquilo e distinto. Mas não conseguira. E a culpa era sua.

Não havia nada de especial nela. Jude sentia-se mais do que um pouco envergonhada em admitir que simplesmente se tornara um hábito para ele, parte da sua rotina.

Encontrar-se com William para jantar nas noites de quarta-feira, às sete horas, num de três restaurantes prediletos. Aos sábados, saída para ir ao teatro ou cinema, seguindo-se um jantar tarde, e culminando em sexo de bom-gosto. Se as duas partes estivessem de acordo, a noite poderia ser prolongada por um saudável sono de oito horas, seguido pelo *brunch* e uma conversa sobre as notícias no jornal de domingo.

Fora esse o padrão do namoro. O casamento simplesmente se ajustara a esse esquema.

E fora fácil, muito fácil, encerrar por completo o padrão.

Como ela gostaria de ter tomado a iniciativa de acabar com tudo! De ter a coragem e o instinto para isso. Com um ardente caso de amor num motel ordinário. A ganhar dinheiro extra como *stripper*. Ou a fugir para se juntar a um gang de motoqueiros.

Ao tentar imaginar-se toda vestida de couro e a pular numa mota, às costas de um homem corpulento, todo tatuado, chamado Zero, Jude não pôde deixar de se rir.

— Ora, ora, eis uma visão e tanto para um homem numa tarde de Abril. — Aidan estava parado na abertura da sebe, com as mãos nos bolsos, a sorrir. — Uma mulher risonha, com flores a seus pés. Alguns poderiam até pensar, estando onde estamos, que se depararam com uma fada, que veio até aqui para encantar as flores, fazendo-as desabrochar.

Ele avançou até ao portão, enquanto falava. Parou ali. E Jude teve a certeza de que nunca vira uma imagem mais romântica, em toda a sua vida, do que Aidan Gallagher, com os seus cabelos abundantes e lustrosos, os olhos de um azul-claro e cintilante, parado no portão, com os penhascos distantes por trás.

— Mas não é uma fada, pois não, Jude Frances?

— Não, claro que não. — Sem pensar, ela ergueu a mão, para ter a certeza de que os cabelos continuavam ajeitados. — Eu... ahm... acabei de receber uma visita da Kathy Duffy e Betsy Clooney.

— Passei por elas na estrada, quando vinha nesta direcção. Disseram que tiveram uma hora agradável, a tomar chá e comer bolo.

— Veio a pé? Da aldeia?

— Não é assim tão longe, quando se gosta de andar... e eu gosto.

Ela parecia um pouco aflita de novo, pensou Aidan. Como se não soubesse o que fazer em relação a ele.

Mas isso deixava-os empatados, na mesma situação. Só que ele queria fazê-la sorrir, observar os seus lábios a contraírem-se lentamente, com alguma timidez, enquanto as covinhas surgiam.

— Vai convidar-me a entrar para o seu jardim, ou devo continuar a andar?

— Desculpe.

Jude foi até ao portão. Estendeu a mão para o trinco, ao mesmo tempo que Aidan. A mão dele cobriu a sua, quente e firme, de tal forma que puxaram o trinco juntos.

— Em que estava a pensar que a fez rir?

— Eu... ahm... — Como Aidan ainda segurava na mão dela, ela deu por si a recuar.— Apenas um disparate. A Sra. Duffy deixou o que sobrou do bolo, e ainda tenho um pouco de chá.

Aidan não se lembrava de qualquer outra mulher que parecesse tão assustada só de falar com ele. Mas não podia dizer que a reacção era totalmente desagradável. Para testá-la, continuou a segurar na mão de Jude, avançando à medida que ela recuava.

— E imagino que já não aguenta mais qualquer uma das duas coisas. A verdade é que preciso de ar fresco de vez em quando. Por isso, saio para o que as pessoas costumam chamar de peregrinações do Aidan. A menos que esteja com pressa para entrar em casa, podemos passar algum tempo sentados no alpendre.

Ele estendeu a mão livre, apertou a anca de Jude, parando a sua retirada.

— Está quase a pisar as flores. — Murmurou ele. — Seria uma pena esmagá-las.

— Ah... — Cautelosa, Jude desviou-se. — Sou um pouco desajeitada.

— Eu não diria isso. Um pouco nervosa, mais nada.

Apesar da estranha satisfação de a ver atrapalhada, Aidan sentiu o impulso da acalmar aqueles nervos, deixá-la à vontade.

Com as pontas dos dedos a contrair-se na mão de Jude, ele virou-a, com tamanha graça e suavidade, que ela ficou aturdida ao descobrir-se virada para o outro lado.

— Pensei que poderia gostar de ouvir as histórias que conheço — murmurou ele, enquanto a levava para o alpendre.

— Para o seu ensaio.

— Gostaria muito. — Jude deixou escapar um suspiro de alívio, enquanto se sentava. — Comecei esta manhã... o ensaio... tentando sentir como ele seria, formular um esboço, a estrutura básica.

Ela passou os braços pelos joelhos. Ficou um pouco tensa ao constatar que ele a observava atentamente.

— O que foi?

Aidan alteou uma sobrancelha.

— Nada. Apenas estou a ouvir. Gosto de a ouvir. Tem uma voz muito precisa e americana.

— Hum... — Jude limpou a garganta. Tornou a olhar fixamente para a frente, como se tivesse de se manter atenta às flores, para que não escapassem. — Onde estava eu... a estrutura. As diferentes áreas que quero abordar. Os elementos de fantasia, é claro, mas também os aspectos sociais, culturais e sexuais dos mitos tradicionais. O seu uso na tradição como diversão, como parábolas, como advertências, no romance.

— Advertências?

— Isso mesmo. Mães a contarem às crianças sobre os espíritos do pântano, para evitar que se aventurem em áreas perigosas. Ou a relatar histórias de espíritos malignos, para as influenciarem a comportarem-se bem. Há muitas lendas grotescas, quase tantas quanto as benevolentes.

— E quais prefere?

— Hum... — Jude hesitou por um instante. — Acho que depende da disposição.

— Tem muitas?

— Muitas quê?

— Disposições. Acho que tem. Os seus olhos são melancólicos.

Pronto, pensou Aidan. Isso fez com que olhasse de novo para mim.

Jude voltou a sentir estranhas pressões a agitarem o seu estômago. Por isso, tornou a desviar os olhos. Bem depressa.

— Não... não sou muito melancólica. Seja como for... Há histórias de bebés sequestrados do berço, trocados por outros. Crianças devoradas por ogres. No século passado, passagens e finais de contos de fadas foram alterados para que todos vivessem felizes para sempre. Na realidade, as primeiras versões continham sangue, morte e canibalismo. Em termos psicológicos, isso reflecte a mudança nas nossas culturas, no que os pais querem que os filhos escutem e acreditem.

— E em que acredita a Jude?

— Que uma história é uma história, mas o final de felizes para sempre provavelmente proporciona menos pesadelos infantis.

— E a sua mãe contava histórias de crianças trocadas?

— Não. — A ideia fez Jude rir. — Mas a minha avó contava. De uma maneira divertida. Imagino que o Aidan também saiba contar histórias de uma maneira divertida.

— Contarei uma história agora, se quiser descer comigo até à aldeia.

— A pé? — Jude balançou a cabeça. — São quilómetros!

— Apenas pouco mais de três quilómetros. — Subitamen-

te, Aidan queria muito andar com ela. — Vai desgastar o bolo da Sra. Duffy. E, depois, poderei oferecer-lhe o jantar. Temos um guisado especial esta noite. Garanto que vai gostar. E providenciarei para que alguém lhe dê uma boleia até à sua casa depois.

Jude tornou a fitá-lo, mas logo desviou os olhos. Parecia uma espontaneidade maravilhosa apenas levantar-se e começar a andar, sem planos, sem estrutura. E era justamente por isso que ela não podia aceitar.

— É tentador, mas preciso de trabalhar mais um pouco.

— Então apareça amanhã. — Ele tornou a pegar na mão de Jude, puxando-a ao se levantar. — Temos música no Gallagher's nas noites de sábado.

— Vocês tiveram música ontem à noite.

— Mais música. — Explicou Aidan. — E um pouco mais... estruturada, acho que diria assim. Alguns músicos de Waterford City, do tipo tradicional. Tenho a certeza de que vai gostar... e não pode escrever sobre as lendas da Irlanda sem a sua música, não é assim? Portanto, apareça no *pub* amanhã à noite. E virei procurá-la no domingo.

— Virá procurar-me?

Aidan sorriu de novo, um sorriso lento, deliberado, encantador.

— Contarei uma história para o seu ensaio. Domingo à tarde está bom para si?

— Está ótimo. Perfeito.

— Bom dia para si, Jude Frances.

Ele foi até ao portão. Virou-se. Tinha os olhos ainda mais azuis, ainda mais intensos, quando a fitou.

— Não deixe de aparecer no sábado. Gosto de olhar para si.

Jude não mexeu um músculo, nem mesmo quando ele tornou a virar-se para abrir o portão, atravessou a passagem na sebe e saiu para a estrada. Nem mesmo depois de ele já se ter afastado e não dar mais para o ver.

Gostava de olhar para ela? O que, exactamente, queria ele dizer com isso?

Seria alguma espécie de flirt casual? Os olhos de Aidan não pareciam casuais, pensou Jude, enquanto começava a andar de um lado para o outro do caminho estreito. Mas como poderia ela saber, realmente, se aquela era apenas a segunda vez em que ela o via?

Provavelmente não passava disso. Um flirt improvisado, quase automático, de um homem acostumado a fazer flirt com as mulheres. Mais um comentário cordial, ela tinha de concluir, ao considerar as circunstâncias.

— Eu gostaria de a ver no *pub* na noite de sábado. — Murmurou ela. — Isso foi tudo o que ele quis dizer. Mas que coisa! Porque tenho de analisar tudo?

Irritada consigo mesma, ela tornou a entrar no chalé. Fechou a porta. Qualquer mulher sensata sorriria ao ouvi-lo dizer aquilo. E também faria um pouco de flirt. Era uma reacção inofensiva, condicionada mesmo. A menos que fosse uma neurótica sempre tensa.

— E é exactamente isso o que és, Jude F. Murray. Uma neurótica sempre tensa. Não foste capaz de abrir a tua boca idiota para dizer qualquer coisa. Por exemplo: “Verei o que posso fazer. E também gosto de olhar para si.” Limitaste-te a ficar paralisada ali, como se ele tivesse acertado um tiro entre os teus olhos.

Jude parou. Levantou as mãos, fechou os olhos. Agora,

não estava apenas a falar sozinha. Estava também a censurar-se, como se fosse duas pessoas diferentes.

Respirou fundo, várias vezes, para se acalmar. Decidiu que queria comer outro pedaço de bolo com glacê, apenas para dissipar um pouco o nervosismo.

Marchou para a cozinha, ignorando a vizinha afectada que lhe dizia que estava a compensar com gratificação oral. Sim... e daí? Quando um homem deslumbrante que ela mal conhecia provocava uma erupção nas suas hormonas, era sempre melhor reconfortar-se com açúcar.

Jude pegou numa fatia de bolo com uma generosa camada de glacê rosa. Foi nesse instante que se virou abruptamente, ao ouvir um impacto alto contra a porta das traseiras. À visão da cara peluda, com dentes compridos, ela soltou um grito estridente. O bolo saltou da sua mão, bateu no tecto e caiu no chão a seus pés... com o glacê virado para baixo.

Só precisou do tempo em que o bolo esteve no ar para se aperceber que não se tratava de um monstro, mas de um cão.

— Meu Deus, que terra é esta, em que a cada dois minutos aparece alguma coisa na porta?

Jude passou os dedos pelos cabelos, sentindo que as mechas se soltavam. Depois, olhou para a cadela, através do vidro.

Tinha olhos castanhos enormes. Jude concluiu que pareciam esperançosos, em vez de agressivos. Os dentes estavam à mostra, é verdade, mas a língua pendia para fora; e, assim, o que podiam os dentes fazer? As patas enormes já haviam sujado o vidro de lama, mas quando soltou um grunhido cordial, Jude cedeu.

Quando ela se encaminhou para a porta, a cadela sumiu. Mas continuava ali, verificou Jude, depois de abrir a porta,

sentada polidamente no alpendre das traseiras, a bater com a cauda no chão e a olhar para ela.

— És a cadela dos O'Toole, não és?

A cadela pareceu considerar isso como um convite. Adiantou-se e circulou pela cozinha, espalhando lama por todos os lados. Depois, fez um favor a Jude, removendo o bolo caído no chão, antes de se aproximar da lareira, e tornar a sentar-se.

— Não tive vontade de acender a lareira aqui hoje.

Jude aproximou-se. Estendeu a mão, para verificar o que a cadela faria; ela farejou por um instante, depois empurrou a mão de Jude com o focinho, encaminhando-a para o alto da sua cabeça; Jude não pôde deixar de se rir.

— Muito esperta, hein?

Obediente, Jude coçou por trás das orelhas da cadela. Nunca tivera um cão, embora a mãe tivesse dois gatos siameses mal dispostos, mimados como a realeza.

Concluiu que a cadela visitava a velha Maude regularmente, enroscava-se junto à lareira da cozinha, e fazia companhia à venerável anciã, de vez em quando. Os cachorros ficariam tristes quando uma pessoa amiga morria? Foi nesse instante que Jude se lembrou de que ainda não cumprira a promessa de levar flores à sepultura da Maude.

Indagara sobre a localização na noite anterior, quando estivera na aldeia. Maude fora enterrada a leste da aldeia, por cima do mar, além do caminho que passava perto do hotel, e dava a volta para as ruínas, o oratório, e a fonte de São Declan.

Um passeio longo, com uma paisagem maravilhosa, pensou ela.

Num súbito impulso, Jude pegou nas flores que pusera

no balcão da cozinha, tirando-as da garrafa. Inclinou a cabeça para a cadela.

— Não queres sair comigo para visitar a velha Maude?

A cadela ladrou de novo e levantou-se. Ao saírem juntas pela porta dos fundos, Jude especulou sobre quem conduzia quem.

A sensação era de uma coisa rural e rústica. Enquanto caminhava pelas colinas, em companhia da cadela amarela, levando flores para o túmulo de um antepassado, Jude imaginou aquilo como parte da sua rotina semanal. A camponesa irlandesa, com a sua fiel cadela, a prestar homenagem a uma prima distante.

Seria um hábito que haveria de adquirir... isto é, se tivesse mesmo uma cadela e se realmente viesse a viver ali.

Era tranquilizante respirar o ar fresco, sentir a brisa, observando a cadela a correr para farejar só Deus sabia o quê, contemplando todos os gloriosos sinais da Primavera, nas sebes floridas, no voo rápido e canto alegre de um pequeno pássaro.

O mar murmurava. Os penhascos mantinham-se impassíveis.

Quando ela se aproximou do oratório de frontão bem inclinado, o sol atravessou as nuvens e iluminou a relva e a pedra. As três cruces de pedra destacavam-se, projectando as suas sombras, com a fonte de água sagrada por baixo.

Os peregrinos lavavam-se ali, lembrou-se Jude de uma informação do guia turístico. E quantos, especulou ela, haviam despejado em segredo um pouco de água na terra, para os deuses, com o intento de aumentar as suas oportunidades?

Porquê correr riscos?, pensou ela. Deveria fazer a mesma coisa.

Era um lugar sossegado e pacífico. E também comovente, pois parecia compreender a vida e a morte, e tudo o que as ligava.

O ar parecia mais quente ali, quase Verão, apesar da brisa, com a fragrância das flores espalhadas pela relva, sobre os mortos, parecendo de repente agreste e doce. Ela podia ouvir o zumbido das abelhas e o canto dos passarinhos, um som claro, musical, vibrante.

A relva era alta, muito verde, parecendo incontrolável no terreno irregular. Lápides pequenas e toscas indicavam as sepulturas antigas. E, no meio, apenas uma lápide nova. A velha Maude optara por ser enterrada ali, quase sozinha, numa colina de onde se podia contemplar a aldeia, os contornos azuis do mar e as ondulações verdes que se estendiam até à montanha.

Numa prateleira de pedra, no meio das ruínas, havia um pote de plástico comprido, cheio de flores vermelhas. A visão das flores deixou Jude profundamente comovida.

As pessoas esqueciam-se com bastante frequência, pensou ela. Mas não aqui. Naquele lugar, as pessoas lembravam-se, e homenageavam essas lembranças com flores para os mortos.

“Maude Alice Fitzgerald”, dizia a inscrição simples na pedra. Por baixo, haviam escrito “Wise Woman”, uma mulher sábia, depois as datas da sua longa vida.

Era um estranho epitáfio, reflectiu Jude, enquanto se ajoelhava ao lado, na encosta suave. Já havia flores ali, um pequeno ramo de violetas a começar a murchar. Jude pôs o seu bouquet ao lado, depois sentou-se nos calcanhares.

— Sou a Jude, a neta da sua prima Agnes. — Começou ela — A que nasceu na América. Estou a passar algum tempo no seu chalé. é mesmo adorável. Lamento nunca tê-la conhe-

cido. A avó falava muito sobre o tempo em que vocês viveram juntas no chalé. Como ficou feliz por ela, quando a avó casou e foi para a América. Mas a Maude continuou aqui.

— Ela era uma mulher extraordinária.

Com o coração a subir-lhe pela garganta, Jude levantou a cabeça abruptamente. Deparou-se com uns profundos olhos azuis. Era um rosto bonito, jovem e liso. Usava os cabelos pretos compridos, quase alcançando os ombros. A boca elevava-se nos cantos, numa expressão cordial, quando ele se adiantou para fitar Jude, além da sepultura.

— Não o ouvi. Não sabia que estava aqui.

— As pessoas andam em passos leves num lugar sagrado. Não tive a intenção de a assustar.

— Não me assustou. — Apenas morri de medo, pensou Jude. — Mas foi uma surpresa. — Ela puxou os cabelos que o vento havia soltado, fazendo com que dançassem em torno do seu rosto. — Conheceu a Maude?

— Claro que conheci a velha Maude. Uma mulher extraordinária, como eu disse. Teve uma vida rica e generosa. É bom que tenha trazido flores, pois ela apreciava-as.

— São dela, do seu jardim.

— Isso é óptimo. — O sorriso do rapaz alargou-se. — Faz com que sejam ainda melhores. — Ele pôs a mão na cabeça da cadela, sentada quieta a seu lado. Jude viu o brilho de um anel num dedo, uma pedra azul, que faiscava na prata. — Esperou muito tempo para voltar às suas origens.

Jude franziu o rosto, piscando os olhos contra o sol, que parecia mais forte agora, o suficiente para a sua vista tremeluzir.

— Ah, está a referir-se à Irlanda. Acho que tem razão.

— É um lugar onde pode contemplar o seu coração e

verificar o que mais importa. — Os seus olhos eram como cobalto, agora. Intensos, hipnóticos. — É a sua hora de escolher. E deve escolher bem, Jude Frances, pois não será apenas você a ser afectada.

A fragrância das flores, relva e terra fazia a cabeça de Jude girar, até que se sentiu tonta. O sol ofuscava-a, os raios flamejantes ardendo e turvando os olhos. O vento aumentou na sua intensidade, com uma energia súbita e estonteante.

Ela seria capaz de jurar que ouvia flautas a tocar, as notas a elevar-se no vento cada vez mais forte.

— Não sei o que quer dizer.

Atordoada, Jude levou a mão à cabeça, fechou os olhos.

— Vai entender.

— Eu vi-o, na chuva. — Tonta, ela sentia-se cada vez mais tonta. — Na colina da torre redonda.

— Eu sei disso. Estávamos à sua espera.

— À minha espera? Quem?

O vento diminuiu tão depressa quanto aumentara. A música desvaneceu-se para o retorno do silêncio. Jude sacudiu a cabeça, para a desanuviar.

— Desculpe, mas o que foi que disse?

Mas quando ela tornou a abrir os olhos, descobriu que se encontrava sozinha ali, com os mortos silenciosos e a enorme cadela amarela.

CAPÍTULO CINCO

Aidan não se opunha ao trabalho burocrático. Ele simplesmente o detestava. Mais do que isso, odiava-o.

Mas três dias por semana, fizesse chuva ou sol, ele passava uma hora ou mais na escrivaninha do seu apartamento, a preparar os pedidos e a calcular as despesas, fazendo a folha de pagamento e conferindo os lucros.

Era um alívio para ele verificar que havia lucro. Jamais se preocupara muito com dinheiro antes de o Gallagher's passar para as suas mãos. E muitas vezes questionava-se se não fora esse um dos motivos para que os pais lhe entregassem o *pub*. Divertira-se muito, vivendo da mão para a boca, durante as suas viagens. A sobreviver um pouco. Não guardara um único centavo. Nem sentira necessidade disso.

Responsabilidade não era o seu nome do meio.

Afinal, crescera em situação confortável. Trabalhara, é claro, durante a infância e a adolescência. Mas enxugar e varrer o chão, servir cerveja e cantar uma melodia era muito diferente de calcular quanta *lager* deveria encomendar, qual a percentagem de perda — muito obrigado, irmã Darcy — que o *pub* poderia suportar, o malabarismo com os números nos registos e o cálculo dos impostos.

Essas tarefas deixavam-no com dor de cabeça, em todas as ocasiões, sem excepção. Não se sentia mais atraído por se sentar com os livros do que pela extracção de um dente, mas aprendera.

E enquanto aprendia, compreendia que o *pub*, por isso mesmo, se tornava cada vez mais importante para ele. Não ha-

via a menor dúvida, decidiu ele, de que os pais eram mesmo espertos. E conheciam o filho.

Ele passou algum tempo ao telefone com os distribuidores, tentando negociar o melhor preço. Não se importava de fazer isso, já que era um pouco como negociar cavalos. E descobrira que era algo para o qual tinha aptidão.

Agradava-lhe saber que músicos de Dublin, de Waterford, até mesmo de lugares tão distantes quanto Clare e Galway, não só estavam dispostos a apresentar-se no Gallagher's, mas também se mostravam satisfeitos com a oportunidade. Era um motivo de orgulho saber que, nos seus quatro anos no comando, ajudara a projectar a reputação do *pub* como um lugar em que se ouvia boa música.

E esperava que a temporada de Verão, quando os turistas apareciam, fosse a melhor que o *pub* já tivera.

Mas isso não fazia com que somar e subtrair se tornasse uma tarefa menos maçadora.

Pensara em comprar um computador, mas nesse caso teria de aprender a usá-lo. Admitia, sem qualquer vergonha, que a mera ideia o assustava, de uma maneira indescritível. Quando conversara a respeito disso com Darcy, dizendo que talvez ela pudesse aprender a usar, a irmã rira-se tanto, que as lágrimas lhe escorreram pela face.

E ele sabia que nem adiantava falar com Shawn, que não pensaria em trocar uma lâmpada, se estivesse a ler no escuro.

Também não pensaria em contratar alguém de fora, já que o Gallagher's conseguia ser auto-suficiente na sua administração desde que fora inaugurado. Portanto, tinha de continuar a usar lápis e máquina de calcular ou ganhar coragem para enfrentar a nova tecnologia.

Imaginava que Jude tivesse conhecimento de computadores. Não se importaria se ela lhe ensinasse alguma coisa. Até gostaria, pensou Aidan, com um sorriso lento, e retribuiria o favor numa área completamente diferente.

Queria acariciá-la. Já especulava sobre o que encontraria em gosto, em textura, naquela boca larga e adorável. Já tinha passado algum tempo desde que uma mulher havia deixado o seu sangue a ferver dessa maneira. E Aidan estava a adorar a expectativa.

Jude fazia-o pensar numa potra que ainda não se sentia muito segura nas suas pernas. Esquivava-se à aproximação de um homem, ao mesmo tempo que ansiava por uma carícia firme e gentil. Era uma combinação atraente, aquele comportamento hesitante somado à mente sagaz e à voz refinada.

Esperava que ela aparecesse naquela noite, como ele lhe pedira.

E esperava também que ela usasse uma das suas roupas impecáveis, com os cabelos presos, a fim de poder imaginar o prazer de soltá-los e amarrotar o traje.

Se Jude tivesse alguma noção do rumo dos pensamentos de Aidan, nem teria coragem para deixar o chalé. Mesmo sem essa complicação adicional, ela já mudara de ideias sobre a ida ao *pub* meia dúzia de vezes.

Mas seria desagradável não aparecer, depois de ele a ter convidado.

Daria a impressão de que ela esperava pelo seu tempo e atenção.

E seria simplesmente uma maneira agradável de passar uma noite.

Não era o tipo de mulher que passava a noite em bares.

A sua vacilação deixou-a de tal forma irritada, que decidiu ir, por uma questão de princípio, pelo menos por uma hora.

Ela vestiu umas calças de um tom cinzento-escuro, com um casaco combinado, e um colete com riscas vermelhas acastanhadas. Era noite de sábado, afinal de contas, pensou ela, e acrescentou brincos de prata, que proporcionaram um toque mais alegre. Haveria música, lembrou-se a si mesma, enquanto pensava se não estaria a enlouquecer, ao acrescentar um par de pulseiras de prata.

Tinha uma paixão secreta e ardente por jóias.

Ao ajeitar as pulseiras, pensou no anel que o homem no cemitério usava. O brilho da safira na prata lavada, uma jóia deslocada no ambiente rural.

Ele comportara-se de uma maneira muito estranha, pensava Jude agora. Surgira e desaparecera tão sorrateiramente, que era quase como se ela tivesse sonhado. Mas lembrava-se do rosto e da voz com absoluta nitidez, bem como do súbito fluxo da fragrância, a rajada de vento e as tonturas inesperadas.

Apenas uma consequência do excesso de açúcar, decidiu Jude. Todo aquele bolo entrara no seu organismo e depois se desvanecera, deixando-a momentaneamente tonta.

Ela levantou os ombros, descartando o assunto. Inclinou-se para o espelho, a fim de verificar se não borrara o rímel. Provavelmente tornaria a ver aquele homem, naquela mesma noite, no *pub*, ou na próxima vez em que levasse flores para Maude.

Com as pulseiras a tilintar alegremente e proporcionando-lhe uma agradável sensação de confiança, ela desceu. Desta vez lembrou-se de pegar nas chaves antes de seguir até ao car-

ro, o que considerou um bom progresso. Assim como também achou um bom sinal o facto de não ter as palmas das mãos suadas ao avançar pela estrada, no escuro.

Satisfeita consigo mesma, antecipando uma noite sossegada e agradável, ela estacionou o carro pouco antes do Gallagher's. Encaminhou-se para a porta, alisando os cabelos. Respirou fundo antes de a abrir.

E foi quase lançada para trás pela explosão da música.

Gaitas, violinos, vozes, depois o rugido da multidão no coro de "Whiskey in the Jar". O ritmo era tão rápido, tão vertiginoso, que o som se tornava algo indistinto; e esse som agarrou-a, puxou-a para dentro do *pub*, envolveu-a por completo.

Já não era o *pub* escuro e sossegado que ela esperava encontrar. Estava lotado, com pessoas a acomodarem-se de qualquer maneira às mesas baixas, espremidas ao longo do balcão, segurando copos cheios e copos vazios.

Os músicos — como podiam apenas três pessoas fazer um som assim? — estavam no compartimento da frente, ocupando todo o espaço com os seus trajes de operários e botas, enquanto tocavam como anjos demoníacos. A sala cheirava a fumo, cerveja e a sabonete da noite de sábado.

Por um momento, ela questionou-se se não teria entrado no bar errado. Mas depois avistou Darcy, a nuvem gloriosa de cabelos escuros presos com uma vistosa fita vermelha. Carregava uma bandeja com copos e garrafas vazios, cinzeiros a transbordar, enquanto fazia flirt com um rapaz cujo rosto era tão vermelho quanto a fita nos seus cabelos. O rapaz exibia uma satisfação embaraçada, com uma admiração desesperada nos olhos.

Quando avistou Jude, Darcy piscou-lhe o olho. Bateu de

leve no rosto do jovem apaixonado e depois abriu caminho pela multidão.

— O pub está bastante animado esta noite. O Aidan disse-me que a Jude viria, e pediu-me para ficar de olho.

— Foi muito gentil da parte dele... e da sua. Eu não esperava... tanta gente.

— Os músicos são muito apreciados por aqui, e atraem uma boa multidão.

— São maravilhosos.

— Tocam muito bem. — Darcy estava mais interessada nos brincos de Jude. Gostaria de saber onde ela os comprara e qual teria sido o preço. — Siga-me e eu levá-la-ei sã e salva até ao balcão.

Foi o que ela fez, esgueirando-se pelo meio da multidão, empurrando de vez em quando, rindo-se muito, fazendo comentários para diversas pessoas, que chamava pelo primeiro nome. Seguiu para a extremidade do balcão, largou a bandeja além dos corpos espremidos ali, onde era o ponto de pedidos.

— Boa noite, Sr. Riley. — Disse Darcy para o velho sentado no último banco.

— Boa noite para si também, jovem Darcy. — A voz era esganiçada. Ele sorriu, com olhos que pareceram meio cegos para Jude, enquanto bebia um gole da Guinness escura e encorpada. — Se se casar comigo, querida, fá-la-ei uma rainha.

— Pois então casaremos no próximo sábado; mereço ser uma rainha. — Darcy deu um beijo no rosto enrugado. — Will Riley, deixa a ianque sentar-se ao lado do teu avô.

— Com todo o prazer. — O homem magro saiu do banco, oferecendo um sorriso radiante a Jude. — Então é você a ianque. Sente-se aqui, ao lado do meu avô, e pagar-lhe-ei uma caneca.

— A dama prefere vinho.

Aidan, já com o copo na mão, entrou no campo de visão de Jude, estendendo-o.

— Tem razão. Obrigada.

— Ponha na conta de Will Riley, Aidan, e beberemos a todos os nossos primos no outro lado do oceano.

— Assim farei, Will. — Ele ofereceu o seu sorriso insinuante a Jude. — Fique um pouco aqui, está bem?

E, depois, afastou-se para trabalhar.

Jude ficou. Porque parecia polido, bebeu brindes a pessoas de quem nunca ouvira falar. E como era necessário pouco esforço da sua parte, manteve uma conversa com os Riley sobre os seus parentes nos Estados Unidos e as viagens que tinham feito até lá... Embora os desapontasse ao admitir que nunca tinha estado no Wyoming e que não conhecia nenhum cowboy de verdade.

Ouviu a música, porque era maravilhosa. As melodias eram ao mesmo tempo familiares e estranhas, o exaltamento e a melancolia a contagiar a multidão. Jude cantarolava quando reconhecia a melodia. Sorria quando o velho Sr. Riley entoava as palavras, com a sua voz esganiçada.

— Eu tinha uma queda pela sua prima Maude. — Disse o Sr. Riley a Jude. — Mas ela só tinha olhos para John Magee, que a sua alma descanse em paz. — Ele soltou um suspiro profundo e bebeu um gole da Guinness, também profundo. — E um dia, quando fui bater à porta dela, com o chapéu na mão, ela disse-me que eu casaria com uma rapariga loura e de olhos acinzentados antes de o ano terminar.

O velho fez uma pausa, sorrindo para si mesmo, como

se contemplasse o passado, pensou Jude. Ela inclinou-se para o ouvir acima do barulho da música.

— E, antes de passar um mês, eu conheci a minha Lizzie, de cabelos louros e olhos cinza. Casámos em Junho, e passámos quase cinquenta anos juntos, até à sua morte.

— Isso é lindo.

— A Maude sabia das coisas. — Ele fitou Jude nos olhos.

— A Boa Gente sussurrava muitas vezes no ouvido da Maude.

— Ah sim? — Murmurou Jude, divertida agora.

— Sim. E como a Jude tem o mesmo sangue, é possível que também sussurrem no seu ouvido. Não deixe de escutar.

— Claro.

Por algum tempo, eles beberam num silêncio cordial, prestando atenção à música. Depois, os olhos de Jude encheram-se de lágrimas, quando Darcy passou o braço pelos ombros ossudos do velho e acrescentou a voz gloriosa à dele, numa canção de amor eterno e perda irreparável.

Quando avistou Brenna a servir uísque e a abrir as torneiras de cerveja, por trás do balcão, Jude sorriu. Ela não estava a usar o boné, e os cachos vermelhos derramavam-se à vontade.

— Não sabia que trabalhava aqui.

— Só trabalho de vez em quando, sempre que há necessidade. O que vai querer, Jude?

— Estou a beber Chardonnay, mas acho que não deveria...

Mas ela falava para as costas de Brenna. Antes que pudesse acrescentar qualquer coisa, Brenna já se tinha virado de volta e enchido o seu copo.

— Os fins-de-semana costumam ser movimentados no Gallagher's. — Comentou Brenna. — E também dou

uma ajuda durante a temporada de Verão. A música está ótima, não acha?

— Maravilhosa.

— E como vão as coisas, meu caro Sr. Riley?

— Vão muito bem, linda Brenna O'Toole. Quando vai casar comigo e fazer com que o meu coração pare de sofrer?

— No alegre mês de Maio. — Ela trocou a caneca vazia por uma cheia. — Tenha cuidado com esse patife, Jude, ou ele vai brincar com os seus sentimentos.

Aidan apareceu por trás de Brenna, dando um puxão leve nos seus cabelos ruivos.

— Podes atender noutro lado, Brenna? Eu gostaria de trabalhar aqui, para poder fazer flirt com Jude.

— Por falar em patifes, aqui temos outro. A casa está cheia deles.

— Ela é muito bonita. — Interveio o Sr. Riley.

Aidan piscou o olho a Jude.

— Qual delas, Sr. Riley?

— Todas! — O Sr. Riley soltou uma gargalhada. Bateu com a mão fina no balcão. — Nunca vi, é claro, nenhum rosto de mulher que não fosse bastante bonito para um bom aperto. A ianque aqui tem olhos de feiticeira. Tem cuidado, Aidan, ou ela lançar-te-á um encantamento.

— Talvez já tenha lançado. — Aidan recolheu alguns copos, pôs no lava-loiça debaixo do balcão, levou outros, limpos, para as torneiras de cerveja. — Já saiu de casa à meia-noite, Jude Frances, colhendo flores-da-lua e sussurrando o meu nome?

— Até que poderia sair, se soubesse o que são flores-da-lua.

A resposta fez o Sr. Riley rir tanto, que Jude até recebeu que ele pudesse cair do banco. Aidan limitou-se a sorrir, enquanto servia as canecas e pegava nas moedas. Depois inclinou-se para bem perto, e observou os olhos de Jude a arregalarem-se, os lábios a entreabrirem-se em surpresa, tremendo um pouco.

— Eu mostrar-lhe-ei as flores-da-lua, da próxima vez que a for visitar.

— Hmm...

Era no que dava oferecer respostas irónicas, pensou Jude, bebendo outro gole de vinho.

Alguma coisa subiu à sua cabeça, ou o vinho, ou a intimidade do olhar de Aidan. Ela decidiu que deveria considerar as duas coisas com um pouco mais de cautela e respeito. E quando Aidan tornou a pegar na garrafa de vinho ela sacudiu a cabeça, e tapou o copo com a mão.

— Não, obrigada. Beberei apenas água, a partir de agora.

— Quer do tipo borbulhante?

— Borbulhante? Ah, sim... Claro que prefiro.

Aidan serviu a água com gás num copo pequeno, sem gelo. Ela bebeu um gole. Ficou a observá-lo a pôr mais duas canecas em baixo das torneiras, e a iniciar o processo metódico de servir uma Guinness.

— É preciso muito tempo. — Murmurou ela, mais para si mesma do que para Aidan.

Mas ele fitou-a, ainda manobrando as torneiras.

— Apenas o tempo necessário para fazer certo. Um dia, quando estiver com disposição, prepararei um copo para si. Descobrirá então o que está a perder ao tomar essa coisa francesa.

Darcy voltou. Pôs a bandeja em cima do balcão.

— Uma caneca de Smithwick, outra de Guinness, dois

copos de Jameson's. E quando acabares aí, Aidan, o Jack Brennan já chegou ao seu limite.

— Podes deixar comigo. Que horas são, Jude Frances?

— Que horas? — Jude parou de olhar para as mãos de Aidan, eram ágeis e eficientes, e consultou o relógio. — Ei, já passa das onze horas! Eu nem imaginava! — A hora que pensara em passar no *pub* prolongara-se por quase três. — Tenho de voltar.

Aidan ofereceu-lhe um aceno de cabeça distraído, sem dispensar a atenção que ela esperava. Ele começou a despachar os pedidos que a irmã trouxera, enquanto Jude abria a bolsa para pegar no dinheiro e pagar o vinho.

— O meu neto paga. — O Sr. Riley pousou a mão frágil no ombro de Jude. — É um bom rapaz. Guarde o seu dinheiro, querida.

— Obrigada. — Jude estendeu a mão para um aperto. Ficou encantada quando o velho a levantou para os seus lábios. — Tive o maior prazer em conhecê-lo. — Ela saltou do banco. Sorriu para o Riley mais jovem. — Os dois.

Sem Darcy para abrir o caminho, chegar à porta foi um pouco mais difícil do que alcançar o balcão. Quando finalmente conseguiu, Jude tinha o rosto afogueado pelo calor dos corpos, o sangue a correr mais rápido, ao ritmo vertiginoso do violino.

Fora uma das noites mais divertidas da sua vida.

Ela saiu para o ar frio da noite. E viu Aidan baixar-se para escapar do soco violento de um homem que tinha a largura de um tronco de árvore.

— Calma, Jack... — Ele falou num tom razoável, enquanto um gigante de cabelos ruivos brilhantes erguia de novo os

punhos enormes. — Sabes muito bem que não me queres acertar.

— Claro que quero! Juro por Deus que desta vez te vou partir o raio desse nariz intrometido, Aidan Gallagher. Quem és tu para me dizer que não posso tomar a merda de um trago na merda de um *pub*, quando estou com a merda da vontade?

— Estás que nem um cacho de uvas, Jack. Precisas de ir para casa agora e dormir até te passar.

— Vamos ver se consegues dormir com isto!

O gigante atacou. Enquanto Aidan se preparava para girar, a fim de evitar com facilidade a investida do touro, Jude deixou escapar um pequeno grito de alarme. Foi o suficiente para distrair Aidan, permitindo que o soco acertasse no alvo.

— Essa não!

Aidan mexeu os maxilares, expirando fundo, enquanto a carga impetuosa de Jack o levava a estatelar-se no passeio, de cara no chão.

— Está bem? — Apavorada, Jude adiantou-se, contornando o corpo estatelado, que era mais ou menos do tamanho de um transatlântico emborcado. — A sua boca está a sangrar! Dói muito? Isso é horrível!

Ela abriu a bolsa para pegar num lenço de papel, enquanto falava, gaguejando.

Aidan sentia-se bastante irritado, com vontade de dizer que o sangue era tanto culpa dela, por ter gritado, quanto de Jack, por desferir o soco. Mas Jude parecia tão linda e conternada, já a comprimir o lenço de papel contra o lábio cortado, que ele mudou de ideias.

Começou a sorrir. Como fazia a boca doer ainda mais, ele estremeceu.

— Que homem violento! Precisamos de chamar a polícia.

— Para quê?

— Para o prenderem. Ele agrediu-o.

Aidan fitou-a, aturdido, com um choque sincero.

— Porque haveria eu de querer que um dos meus amigos mais antigos fosse preso por deixar o meu lábio a sangrar?

— Amigo?

— Isso mesmo. Ele estava apenas a acalantar, com uísque, um coração partido, o que é uma tolice, embota seja bastante natural. A miúda que ele pensava que amava foi-se embora com um dublinense. Fez duas semanas na última quarta-feira. O Jack tem bebido para esquecer nos últimos dias, causando as maiores confusões. Mas não tinha a intenção de fazer mal a ninguém.

— Ele deu-lhe um soco no rosto. — Talvez se ela falasse devagar, de uma maneira incisiva, o significado do facto fosse absorvido. — Ele disse que ia partir o seu nariz.

— Só disse isso porque tentou fazê-lo antes e não conseguiu. Vai arrepender-se de me ter acertado pela manhã, quase tanto quanto da ressaca. Sentirá a cabeça a estourar e vai torcer para que ela caia dos ombros, a fim de o deixar em paz.

Aidan sorriu agora, mas cauteloso.

— Ficou preocupada comigo, querida?

— Aparentemente, não deveria. — Jude respondeu num tom severo, comprimindo o lenço de papel numa bola. — Já que parece gostar de lutar na rua com os seus amigos.

— Houve um tempo em que eu gostava de lutar na rua com estranhos, mas a maturidade levou-me a preferir os amigos. — Ele estendeu a mão, como tinha vindo a querer fazer há algum tempo, e passou os dedos pelas extremidades dos cabelos de Jude. — E obrigado por se ter preocupado comigo.

Aidan deu um passo em frente. Jude recuou.

Ele suspirou.

— Um dia não terá tanto espaço para recuar. E eu não terei de lidar com o pobre bêbado do Jack, caído a meus pés.

Com uma expressão resignada, ele baixou-se. Para espanto de Jude, levantou o homem enorme, semiconsciente, e apoiou-o no seu ombro.

— És tu, Aidan?

— Eu mesmo, Jack.

— Parti-te o nariz?

— Não, não partiste. Mas deixaste o meu lábio um bocadinho ensanguentado.

— Porra da sorte dos Gallagher.

— Há uma dama presente, seu cabeça oca.

— Peço perdão.

— Vocês os dois são ridículos!

Jude virou-se e seguiu para o seu carro.

— Jude, minha querida... — Aidan sorriu, suspirando quando o lábio doeu. — Vê-la-ei amanhã, ao meio-dia e meia.

Ele apenas riu quando Jude continuou a andar, sem dizer nada, os saltos a ressoar no passeio. Ela virou-se ao alcançar o carro, lançando-lhe um olhar fulminante.

— Ela já foi embora? — Perguntou Jack.

— Sim, foi, mas não irá muito longe. — Murmurou Aidan, enquanto Jude se afastava no carro, guiando com todo o cuidado. — Com toda a certeza, não irá muito longe.

Os homens eram verdadeiros babuínos. Obviamente. Jude balançou a cabeça, tamborilando com um dedo no volante, em desaprovação, enquanto seguia para casa. Briga de bêbados na

rua não era um passatempo divertido; e quem pensava que era, estava a precisar de uma terapia.

E Aidan fizera com que ela se sentisse uma idiota. Parado ali, a sorrir, enquanto ela lhe limpava o sangue. Um sorriso indulgente, pensou Jude agora, do macho enorme e forte para a fêmea pequena e frágil.

Pior ainda, além de tola, também se mostrara impressionada. Quando Aidan levantou aquele homem enorme para os seus ombros, como se fosse um saco de penas, sentira uma contracção incontestável no estômago. Se não se tivesse controlado nesse instante, afastando-se, poderia ter soltado um murmúrio de admiração.

Mortificante.

E ele ficara um pouco embaraçado por alguém ter esmurrado a sua cara na presença de uma mulher? Não, nem um pouco. Corara um pouco ao apresentar o idiota bêbado a seus pés como um velho amigo? Não, nem um pouco.

Era bem provável que estivesse atrás do balcão de novo, divertindo os amigos com a história, arrancando gargalhadas com o relato do seu grito assustado e as suas mãos trémulas.

Desgraçado!

Jude fungou uma vez, e sentiu-se melhor por isso.

Ao entrar no caminho para o chalé, já se convencera de que se comportara com absoluta distinção, assumira uma atitude sensata. Aidan Gallagher é que fora o idiota.

Flores-da-lua! Ela bateu a porta do carro com bastante força, para que o som ressoasse pelo vale.

Depois de respirar fundo, mais uma vez, e alisar os cabelos, encaminhou-se para o portão. E, quando levantou o rosto, avistou a mulher na janela.

— Oh, Deus!

O sangue deixou o seu rosto. Sentiu cada gota desaparecer. O luar tremeluzia nos cabelos muito claros, as faces pálidas, contra os olhos de um verde profundo.

Ela sorria, um lindo sorriso, mas angustiante, que dilacerou o coração de Jude e a deixou desesperada.

Ganhando coragem, Jude abriu o portão e correu para a porta. Quando a abriu, ocorreu-lhe que se esquecera de a trancar. Alguém entrara durante a sua permanência no pub, ela disse a si mesma. Era só isso.

Os joelhos tremiam quando ela subiu as escadas a correr.

O quarto estava vazio, assim como todas as outras divisões da casa, que ela verificou, uma a uma. Restava apenas a ténue fragrância da mulher.

Apreensiva, Jude trancou as portas. E, quando se recolheu ao quarto, trancou-o também por dentro.

Depois de ter trocado de roupa e se ter ajeitado na cama, deixou a luz acesa. Muito tempo passou, antes que conseguisse adormecer. E sonhou com jóias, pedras preciosas que se projectavam do sol, caíam pelo céu, e eram recolhidas num saco prateado por um homem, montando um cavalo alado, branco como a neve.

Desfilavam pelo céu, por cima dos campos e montanhas, lagos e rios, os pântanos e charnecas que constituíam a Irlanda. Sobrevoavam as ameias de castelos e os telhados de colmo dos chalés mais humildes, com as asas brancas do cavalo a zunir contra o vento.

Pararam de repente, num clarão ofuscante, os cascos a riscar a terra, na frente do chalé na colina, com as suas paredes brancas, persianas verdes e flores espalhadas na porta.

A mulher saiu ao seu encontro, os cabelos do dourado mais claro a caírem-lhe pelos ombros, os olhos verdes como os campos. O homem, cujos cabelos eram da mesma cor dos dela, era claro, usava um anel de prata com uma pedra no centro, não menos brilhante do que os seus olhos. Saltou do cavalo.

Adiantou-se e deixou cair as pedras aos pés da mulher. Os diamantes cintilavam na relva.

— Estas pedras representam a minha paixão por ti — declarou ele. — Aceita-as e aceita-me também a mim, pois eu dar-te-ei tudo o que tenho e mais alguma coisa.

— A paixão não é suficiente, nem os diamantes. — A voz era suave, contida. As mãos permaneciam cruzadas na cintura. — Estou prometida a outro.

— Dar-te-ei tudo. Dar-te-ei até a eternidade. Vem comigo, Gwen, e terás cem vidas que te darei.

— Não são pedras preciosas e vidas o que eu quero. — Uma única lágrima deslizou pelo rosto, tão brilhante quanto os diamantes na relva. — Não posso deixar a minha casa. Não trocarei o meu mundo pelo teu. Nem por todos os teus diamantes, todas as tuas vidas.

Sem dizer mais nada, ele virou-se e voltou a montar o cavalo alado. E, enquanto se elevavam pelo céu, Gwen voltou para dentro do chalé, deixando os diamantes no chão, como se fossem apenas flores.

E tornaram-se flores, cobrindo o chão com a sua fragrância, humilde e suave.